



Universidade Federal de Pernambuco
Centro Acadêmico do Agreste
Curso de Ciências Econômicas



Matheus Gonçalves Fulco Quaresma

**A CASA MÉDICI E SEU PODER ECONÔMICO SOBRE A EUROPA
(SÉCULOS XIV-XV)**

Caruaru

2023

Matheus Gonçalves Fulco Quaresma

**A CASA MÉDICI E SEU PODER ECONÔMICO SOBRE A EUROPA
(SÉCULOS XIV-XV)**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentada à Coordenação do Curso Ciências Econômicas do Centro Acadêmico Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de monografia, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Ciências Econômicas.

Área de concentração: História Econômica

Orientador (a): Prof. Dr. André Luiz de Miranda Martins

Caruaru

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Quaresma, Matheus Gonçalves Fulco.

A casa Médici e o seu poder econômico sobre a Europa (Séculos XIV-XV)
/ Matheus Gonçalves Fulco Quaresma. - Caruaru, 2023.
57p. : il., tab.

Orientador(a): André Luiz de Miranda Martins
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Ciências Econômicas, 2023.

1. Casa Médici. 2. Florença. 3. Renascimento. 4. Comércio Medieval. 5.
Influência política e cultural. I. Martins, André Luiz de Miranda . (Orientação).
II. Título.

330 CDD (22.ed.)

Matheus Gonçalves Fulco Quaresma

**A CASA MÉDICI E SEU PODER ECONÔMICO SOBRE A EUROPA
(SÉCULOS XIV-XV)**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentada à
Coordenação do Curso Ciências Econômicas
do Centro Acadêmico Agreste da Universidade
Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade
de monografia, como requisito parcial para a
obtenção do grau de bacharel em Ciências
Econômicas.

Aprovada em: 08/05/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. André Luiz de Miranda Martins (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Glaudionor Gomes Barbosa
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Camila Nadedja Teixeira Barbosa
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Caruaru

2023

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise da Casa Médici e seu papel na economia europeia dos séculos XIV e XV. A família Médici foi responsável por transformar Florença em um centro comercial e financeiro importante, estabelecendo conexões comerciais e financeiras com outros centros italianos e europeus. Assim como uma visão sobre o surgimento de uma nova classe social sendo ela o mercador-banqueiro, e como esta nova classe modifica a economia da Europa e do Mundo. demonstrando como aconteceu o processo de transformação do capital em poder político e como os Médici utilizaram táticas para expandir o seu domínio além das fronteiras italianas. Além disso, eles foram a principal família mecenas das artes e das ciências durante o Renascimento, impulsionando o desenvolvimento cultural e artístico da época. Os Médici foram pioneiros na prática bancária moderna, introduzindo novos instrumentos financeiros e técnicas de contabilidade que se tornaram padrão em toda a Europa. Até os dias atuais, o legado dos Médici pode ser visto em muitas das instituições financeiras e culturais que eles fundaram ou apoiaram. Este trabalho fornece informações interessantes sobre a história econômica da Europa e a influência da Casa Médici na cultura italiana.

Palavras-chave: Casa Médici; Florença; Renascimento; Comércio Medieval; Influência política e cultural.

ABSTRACT

This work presents an analysis of the Médici Family and their role in the European economy during the 14th and 15th centuries. The Médici family was responsible for transforming Florence into an important commercial and financial center, establishing commercial and financial connections with other Italian and European centers. It also provides insight into the emergence of a new social class, the merchant-banker, and how this new class transformed the economy of Europe and the world, demonstrating how the process of transforming capital into political power occurred and how the Médici used tactics to expand their domain beyond the Italian borders. Moreover, they were the main patrons of arts and sciences during the Renaissance, fostering the cultural and artistic development of the time. The Médici were pioneers in modern banking practices, introducing new financial instruments and accounting techniques that became the standard throughout Europe. To this day, the Médici's legacy can be seen in many of the financial and cultural institutions they founded or supported. This work provides interesting information about the economic history of Europe and the influence of the Médici Family on Italian culture.

Keywords: Médici Family; Florence; Renaissance; Medieval Trade; Political and cultural influence.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1- Mapa da Itália | 9 |
| Figura 2 - Planta de Florença..... | 18 |
| Figura 3 - Giovanni de Bicci de' Médici..... | 23 |
| Figura 4 - Cosimo de' Médici..... | 27 |
| Figura 5 - Julgamento Final de Michelangelo | 34 |
| Figura 6 - Lorenzo de' Médici..... | 36 |
| Figura 7 - Conspiração dos Pazzi de Stefano Ussi | 41 |
| Figura 8 - Cerco a Florença | 43 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 - Lista dos pagantes do catasto acima de 50 Florins de 1457..... | 28 |
|---|----|

SUMÁRIO

| | | |
|------------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 | A CASA MÉDICI E A EUROPA NOS SÉCULOS XIV E XV: | 15 |
| 2.1 | O início da dinastia Médici..... | 22 |
| 3 | A CONVERSÃO DO CAPITAL PARA O PODER | 46 |
| 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 51 |
| | REFERÊNCIAS | 55 |

1 INTRODUÇÃO

A Itália (Figura 1) foi, do século XII ao XV, palco da primeira onda de desenvolvimento econômico fortemente baseado no comércio, acenando para o desenvolvimento capitalista que caracterizaria a era moderna, pós-medieval. “Das cruzadas as Grandes Descobertas, a Itália foi um poder econômico predominante no mundo ocidental, e seus mercadores foram os pioneiros no mundo dos negócios.” (Roover, 1963, p 1, tradução nossa).

Figura 1- Mapa da Itália



Fonte: Strathern (2016)

Com o surgimento de novos poderes soberanos – no oportuno recuo do modelo feudal, fragmentado e anárquico – e um poder militar organizado para garantir a segurança nas estradas, o comércio continental e peninsular foi novamente revitalizado, e com isso a Itália, pela vantajosa localização geográfica no mar mediterrâneo, foi a porta de entrada para mercadorias que vinham do oriente: especiarias, joias, sedas e cereais que o ocidente desejava.

Cidades-estados foram surgindo e crescendo pela acumulação de riqueza que o comércio trouxera, impulsionadas por (e impulsionando) um crescimento demográfico que se dava em torno das cidades de Nápoles, Milão, Florença e Veneza, sendo as duas últimas as mais populosas, talvez entre as mais populosas da Europa no início do Renascimento. Houve também a ascensão do Papado como um poder internacional que iniciou o movimento das Cruzadas entre 1095 e 1204, que contribuiu para um domínio do mar mediterrâneo, levando à expulsão dos muçulmanos e fixando o controle Europeu das rotas marítimas de comércio.

Segundo Hodgett (1975) o crescimento das cidades da península itálica se deu principalmente pela expansão urbana, cidades cresceram de tal modo que muralhas encolhiam rapidamente sendo necessário a construção de novos perímetros, segundo o autor é quase impossível quantificar a população urbana da época sobretudo pela falta de censos completos de qualquer cidade antes de 1350, porém Milão, Veneza, Nápoles e Florença possuíam cerca de mais de 50 mil habitantes antes da metade do século XIV, e Veneza com quase 200 mil habitantes. Esta explosão demográfica empurrava a economia das cidades para o comércio marítimo, para que pudessem ser satisfeitas as necessidades das populações gerando assim grandes transformações econômicas e sociais.

Existem poucas dúvidas de que essa grande expansão comercial na Itália, entre o final do século X e meados do século XIV, foi principalmente impulsionada pelo crescimento demográfico que, por seu turno, expandiu o mercado. O aumento, ainda que a diferentes taxas, ocorreu em toda a extensão da Europa, tanto no Norte quanto no Sul. Consequentemente, o mercado de bens, que somente os mercadores italianos poderiam suprir, desenvolveu-se favoravelmente durante três séculos, apesar dos retrocessos. (Hodgett, *op. cit.*, p. 75).

Hodgett (*op. cit.*) destaca o impacto das transformações trazidas pela “revolução comercial” na estrutura de classes em muitas cidades-estados da Itália. De forma a suprir a necessidades do comércio, tais como a segurança e o capital inicial necessário para iniciar uma viagem comercial marítima, desenvolve-se uma nova classe, ou, antes, uma fração de classe, a do mercador-banqueiro. O comércio atraía, indistintamente, a pequena nobreza e os não-nobres. Num primeiro momento, as diferenças se davam na posse de certo capital inicial. Mas é fato que uma parte crescente de plebeus envolver-se-ia no comércio “de tal forma que, com o tempo, a riqueza mais do que o berço se tornou a base de diferenciação entre classes” (Hodgett, *op. cit.*, p. 77-78).

Dentre esses se destaca a família Médici como a uma das mais bem-sucedidas. A Casa Médici tem seu início nesse período, destacando-se sobretudo pelo seu relacionamento com a

Santa Sé: mediante a concessão das contas papais pelo Papa Martinho V¹ ao Banco Médici, dá-se a ascensão de Giovanni de Bicci Médici, responsável pela arrecadação dos impostos nas províncias mais distantes da Itália.

O fluxo de capital constante no caixa do banco Médici impulsionou o desenvolvimento de técnicas contabilistas mais eficazes. Dotados de um sistema financeiro superior, os bancos italianos foram hegemônicos na Idade Média, com os catalães sendo apenas concorrentes distantes². Os lucros do banco Médici trouxeram grande riqueza à Casa Médici, que, com o sucesso financeiro, maneja a política de forma a controlar a cidade de Florença.

Não há dúvida de que homens como Giovanni di Bicci e Cosimo de Médici estavam imbuídos de um espírito capitalista de aquisição e estavam empenhados em acumular grande riqueza. (...) A ascensão da família talvez seja mais bem ilustrada por suas alianças de casamento: primeiro as principais famílias florentinas, a alta nobreza e depois finalmente as casas soberanas da Europa. (Roover, op. cit., p. 7; tradução nossa)

Os Médici, durante um período de quase trezentos anos, do século XIV ao XVI, acumularam grandes lotes latifundiários – e a terra sempre foi a principal forma de riqueza antes da revolução industrial. Mesmo após a dissolução do banco Médici em 1490, que foi sua principal fonte de capital, as finanças dessa família não foram profundamente alteradas.

Além do seu consagrado poder político (via matrimônios com as casas soberanas da Europa, Catarina de Médici casou-se com Henrique, Duque de Orleans em 1533, e foi coroada rainha da França em 1549), construíram sólidas relações com a Igreja Católica, que possuía um poder imensurável sobre as massas e soberanos da Europa. Os Médici literalmente entraram na Igreja: há quatro papas em sua árvore genealógica: Leão X (1513-1521), Clemente VII (1523-1534), Pio IV (1560-1565) e Leão XI (1605-1605)³. Seu poder se estendia também às artes:

¹ O Papa Martinho V foi um papa da Igreja Católica que serviu como o 206º papa de 11 de novembro de 1417 a 20 de fevereiro de 1431. Seu nome de nascimento era Oddone Colonna e ele nasceu em 1368 em Gênova, Itália. Martinho V é conhecido por ter sido eleito durante o período do Cisma do Ocidente, um período conturbado na história da Igreja Católica em que havia múltiplos papas rivais. Ele foi eleito como um compromisso para unificar a igreja e encerrar o cisma. Durante seu papado, Martinho V trabalhou para restaurar a autoridade papal e promover a reforma na Igreja Católica. Ele também convocou o Concílio de Constança, que foi um importante concílio ecumênico que buscou resolver as disputas internas na igreja e promover a unidade cristã. Martinho V faleceu em 20 de fevereiro de 1431 em Roma, Itália.

² “Foi o perigo de se transportar as barras e moedas de ouro que levou os banqueiros a inventar métodos mais seguros de transferência de crédito. As letras de câmbio negociáveis certamente já no século XIV e, talvez, no final da idade Média fossem descontadas da maneira moderna. (...) As casas bancárias italianas podiam conseguir a restituição do que lhes era devido através da pressão papal, pois não era infrequente a declaração da sentença de excomunhão contra os devedores recalcitrantes” (Hodgett, op. cit., p. 84).

³ A ligação entra a Igreja Católica e a família Médici se deu a um conjunto de fatores, o papado necessitava que uma instituição recolhesse os impostos das províncias mais afastadas de forma segura, mas os grandes bancos da época estavam falindo por inúmeros motivos desde a peste negra ao empréstimo de altas somas de capital a governantes estrangeiros que davam calotes, foi nesse período que Giovanni de Bicci Di Médici funda o Banco Médici instrumento que será o alicerce da ascensão econômica e social da família.”O ano de 1397 pode ser

como Cosimo e seu neto Lorenzo, o Magnífico, desempenharam um papel fundamental no movimento renascentista italiano, sendo eles mecenas⁴, prática comum entre os ricos no Renascimento⁵, vale dizer. Nesse sentido, a história do banco Médici contribui para o nosso entendimento das raízes dos negócios modernos. As transformações no pré-capitalismo europeu, em curso na Itália, são "protagonizadas" pelos Médici, sujeitos históricos representativos das transformações da riqueza (e da propriedade da riqueza) na transição do medievo para a era moderna.

Eles realmente construíram uma enorme fortuna que, após o tempo, foi investida principalmente em propriedades fundiárias, isto é, em extensas propriedades em Mugello e fazendas espalhadas por toda a paisagem circundante, especialmente na direção de Prato e Signa, onde Lorenzo, o Magnífico, construiu a vila de Poggio a Caiano. Os Médici certamente não estavam satisfeitos com uma vida modesta condizente com sua posição de simples cidadãos. Suas aspirações sociais cresceram a cada geração seguinte. Logo eles se esforçaram para alcançar o status principesco, embora até Lorenzo, o Magnífico, continuasse afetando a simplicidade republicana em seu traje. (...). Os resultados dessa investigação desmentem a tese de Max Weber, segundo a qual o espírito capitalista deveria ser um produto da Reforma Calvinista. Os Médici antecederam o movimento de reforma por várias décadas, mas negar que eles eram capitalistas engajados na busca de riqueza os faria mais do que uma ligeira injustiça. (Roover op. cit., p.13; tradução nossa).

É necessário sobretudo entender as raízes desta acumulação de capital para que possamos compreender o que difere a cidade de Florença das outras cidades europeias nesse período o autor Robert-Henri Bautier descreve a seguinte passagem.

O patriciado das cidades enriquece explorando o proletariado urbano, bem como a população rural; e, muitas vezes aliado, pelo casamento, com a nobreza, tende a amalgamar-se com ela, enquanto se torna cada vez mais fundo o fosso entre os 'magnates' e os outros burgueses. É mais um passo num processo bem definido, assinalado desde o começo do século XIII na Itália, em geral, e em Florença, em particular. Os patrícios pretendem conservar nas mãos o governo das cidades; em Colônia formam o 'círculo dos

considerado a data de fundação do Banco Médici, pois naquele ano Giovanni di Bicci de' Médici, que administrava um banco em Roma, decidiu transferir sua sede para Florença. O Banco durou quase cem anos, até 1494, quando os Médici foram expulsos de Florença e todas as suas propriedades, investimentos comerciais e imóveis, foram sequestrados e colocados nas mãos dos receptores. No decorrer desse século, o Banco Médici passou por um período de expansão, que terminou com a morte de Cosimo em 1464, e um período de declínio, que, lento e gradualmente a princípio, ganhou impulso depois de 1478, o ano da conspiração dos Pazzi, que sacudiu o edifício Médici até a sua fundação" (Roover, op. cit., p. 3, tradução nossa)

⁴ Mecenas é uma pessoa ou grupo que patrocina artistas, escritores ou cientistas, fornecendo-lhes apoio financeiro e/ou outro tipo de assistência. Segundo esses autores, o termo remonta à Roma antiga, onde as artes eram patrocinadas por ricos patronos, chamados de "mecenas".

⁵ Renascimento foi um movimento cultural que se iniciou na Itália, no século XIV, e se espalhou por toda a Europa ao longo dos séculos XV e XVI. Esse movimento foi caracterizado por uma valorização da cultura clássica greco-romana, a qual serviu como inspiração para o desenvolvimento de novas formas de arte, literatura, filosofia, ciência e outras áreas do conhecimento. Para Burke, o Renascimento representou uma ruptura com o pensamento medieval, marcando o início da era moderna.

ricos', Lubeque a 'sociedade do círculo', e 'sociedades' em muitas outras cidades alemãs e italianas. (Bautier op. cit., p.258).

A Casa Médici representa um importante tema para a história econômica, uma vez que sua ascensão ao poder e sua influência política, cultural e artística em Florença durante o Renascimento estavam diretamente relacionadas com sua atividade econômica. "A família Médici investiu em todos os setores da economia florentina, desde o banco até a manufatura, o que lhes permitiu acumular uma grande riqueza e poder político" (MISKIMIN, 1998, op. cit., p. 118). Os Médici foram os principais responsáveis pela transformação econômica e financeira de Florença na época, estabelecendo importantes conexões comerciais e financeiras com outros centros italianos e europeus. Além disso, a Casa Médici foi uma das mais importantes mecenas das artes e das ciências durante o Renascimento, impulsionando o desenvolvimento cultural e artístico da época. Portanto, a análise da Casa Médici é fundamental para compreendermos o papel da economia e do comércio na consolidação do poder e da cultura durante o Renascimento.

Além do aspecto histórico e cultural, a Casa Médici também representa um importante marco na história econômica da Europa. O poderio financeiro e comercial dos Médici contribuiu significativamente para a ascensão da cidade de Florença como um dos principais centros comerciais e financeiros do continente europeu. Através da prática bancária, do comércio de bens de luxo e da exploração de minas, a família acumulou uma enorme fortuna e influência política que ultrapassou as fronteiras da cidade-estado de Florença.

A Casa Médici também foi responsável por fomentar o Renascimento florentino, uma época de grande efervescência cultural, artística e intelectual que contribuiu para o desenvolvimento de novas ideias e conceitos que influenciaram o pensamento econômico europeu. Os Médici patrocinaram artistas, escritores, filósofos e cientistas que, através de suas obras e descobertas, estimularam o progresso humano e aprimoraram a compreensão sobre a natureza e a sociedade. A interação entre as esferas artística, cultural e econômica promovida pela Casa Médici demonstra a estreita relação entre esses aspectos e como o desenvolvimento de um pode influenciar o outro.

Além disso, o surgimento de uma nova classe social, representada pelos mercadores banqueiros, também é um dos temas centrais desta monografia. A Casa Médici foi um dos principais expoentes dessa nova classe, que se consolidou a partir do século XIV e se fortaleceu durante o Renascimento.

Os mercadores banqueiros foram fundamentais para a expansão do comércio e para o desenvolvimento da economia europeia. Eles investiam em navios e mercadorias, emprestavam dinheiro a juros e financiavam as operações comerciais dos seus clientes. Com o tempo, foram se tornando cada vez mais influentes na política e na sociedade, participando ativamente do poder e ajudando a moldar o mundo moderno. Nesse sentido, a Casa Médici se destaca como um exemplo notável dessa nova classe social, que desempenhou um papel fundamental na história econômica da Europa.

O que se propõe para a realização deste trabalho é o estudo aprofundado sobre a Casa Médici e sua influência na economia europeia nos séculos XIV ao XV, explorando a relação entre poder político, acumulação de riquezas e desenvolvimento econômico. Além disso, a pesquisa tem como objetivo contribuir para a compreensão da ascensão da burguesia e das transformações sociais e culturais ocorridas no período do Renascimento. Por meio do estudo de fontes primárias e secundárias, será possível analisar a importância da Casa Médici na construção da história econômica europeia e compreender o papel das elites financeiras na consolidação do capitalismo moderno.

2 A CASA MÉDICI E A EUROPA NOS SÉCULOS XIV E XV:

A Europa dos séculos XIV e XV passou por profundas mudanças econômicas que tiveram um impacto significativo na história da região. Segundo Bautier (1973), a economia era predominantemente agrícola, baseada em práticas agrárias medievais como a rotação de culturas e a posse de terras por senhores feudais, no entanto, Miskimin (1975), aponta que a economia europeia passou por um processo de transformação gradual, resultante de uma série de mudanças no comércio, no trabalho e na produção, o crescimento do comércio segundo Miskimin

“Ao norte da Itália, durante o final do século XIV e início do século XV, as condições econômicas parecem ter ido contra a tendência evidente em outras regiões. Partes do norte exibem considerável evidência de desenvolvimento agrário, especialmente no início do século XV; os habitantes das ainda afluentes cidades do norte direcionaram seus investimentos para a terra. Como resultado, sistemas antigos de posse e organização agrária caíram, ou melhor, experimentaram uma significativa aceleração em um declínio evidente desde pelo menos o século XII. Senhores feudais tradicionais, especialmente os eclesiásticos, sofreram quando confrontados com a concorrência e negociações agressivas dos investidores urbanos financeiramente sofisticados.” Miskimin (op. cit., p.68; tradução nossa)

Foram estes os principais fatores que impulsionaram as mudanças econômicas da Europa nos séculos XIV e XV. As rotas comerciais terrestres e marítimas foram expandidas para incluir novas regiões, como o Oriente, que se tornou um importante mercado para as mercadorias europeias. Isso levou a um aumento significativo na quantidade e na variedade de produtos comercializados, como especiarias, tecidos finos, metais preciosos e outros bens de luxo.

Para Bautier (1973) as Cruzadas⁶ também tiveram um impacto significativo no comércio europeu, já que abriram novas rotas comerciais para o Oriente e estabeleceram contato com outras culturas e mercados. Durante as Cruzadas, os europeus foram expostos a novas ideias e tecnologias, como a fabricação de papel, a pólvora e o astrolábio⁷, que foram incorporadas na economia europeia. Além disso, a economia agrícola europeia experimentou um grande crescimento durante este período. Novas técnicas de cultivo foram desenvolvidas, como a

⁶ As Cruzadas foram expedições militares e religiosas que ocorreram durante a Idade Média, entre os séculos XI e XIII. A principal motivação das Cruzadas foi a recuperação da Terra Santa (Jerusalém e outros locais sagrados para os cristãos) que havia sido conquistada pelos muçulmanos. As Cruzadas foram convocadas pela Igreja Católica e receberam apoio dos reis e nobres europeus.

⁷ O astrolábio é um instrumento astronômico utilizado para medir a altura dos astros acima do horizonte, determinar as coordenadas celestes e a hora local. Foi utilizado por astrônomos, navegadores e cartógrafos a partir do século III a.C. até o século XVIII.

rotação de culturas e o uso de adubo, o que aumentou a produtividade das terras agrícolas. Terras anteriormente subutilizadas foram transformadas em áreas de cultivo, o que também contribuiu para o aumento da produção agrícola.

O desenvolvimento de novas tecnologias, como o arado de ferro e o moinho de vento, também foram importantes para o crescimento da produção agrícola. O arado de ferro substituiu o arado de madeira, que era menos eficiente e exigia mais trabalho dos agricultores. O moinho de vento, por sua vez, substituiu o moinho manual, que era muito mais lento e menos eficiente. Tanto o crescimento do comércio e as mudanças na agricultura foram fatores cruciais para o desenvolvimento econômico da Europa nos séculos XIV e XV os autores convergem neste ponto, o comércio de longa distância, estimulado pelas rotas comerciais expandidas pelas Cruzadas, trouxe novas ideias e produtos para a Europa. A agricultura, por sua vez, experimentou um grande crescimento graças a novas técnicas de cultivo e tecnologias, o que aumentou a produtividade das terras agrícolas levando a Europa a passar por uma transição de uma economia predominantemente agrária para uma economia mais comercial e urbana. Isso foi impulsionado pelo crescimento do comércio, que permitiu que as cidades crescessem em tamanho e importância. As cidades se tornaram centros de produção e comércio, e muitas pessoas migraram das áreas rurais para as cidades em busca de empregos e oportunidades econômicas, dentro desse fenômeno um caso a ser analisado é da península itálica.

Para Braudel as cidades-estados italianas foram um fenômeno peculiar que ocorreu na Itália durante a Idade Média e o Renascimento. Entre as cidades-estados, podemos citar nomes como Florença, Veneza, Milão, Gênova, Pisa e Siena, que surgiram como centros urbanos independentes com grande poder econômico e político, cada cidade-estado possuía sua própria estrutura política e econômica. Comparadas a outras cidades da Europa, as cidades-estados italianas possuíam algumas diferenças significativas. Em primeiro lugar, as cidades-estados italianas eram governadas por uma elite de comerciantes e banqueiros ricos, que detinham o controle das atividades comerciais e financeiras da cidade. Essa elite era responsável pela criação de instituições políticas e judiciais inovadoras, que garantiam a estabilidade política e econômica das cidades, por outro lado, outras cidades da Europa eram governadas por monarcas ou senhores feudais, que possuíam um poder centralizado e não tinham a mesma preocupação com o desenvolvimento econômico da cidade. Isso fez com que as outras cidades da Europa não tivessem o mesmo nível de desenvolvimento urbano e comercial que as cidades-estados da península itálica. Somado ao fato de que as cidades-estados itálicas foram líderes em diversas áreas, como a indústria manufatureira e o comércio. Elas produziam bens de luxo, como tecidos, cerâmica e vidro, e foram importantes centros financeiros e bancários, com redes bancárias que

se estendiam por toda a Europa. As outras cidades europeias, por sua vez, não tinham a mesma capacidade de produção e comércio.

Miskimin (1975), destaca que, durante o período do Renascimento, a economia europeia viu o surgimento de novas atividades comerciais e o aumento do comércio inter-regional. Esse crescimento comercial foi impulsionado pela descoberta de novas rotas comerciais e pela ampliação do comércio internacional, resultando em um aumento significativo na demanda por bens de luxo e uma maior especialização da produção.

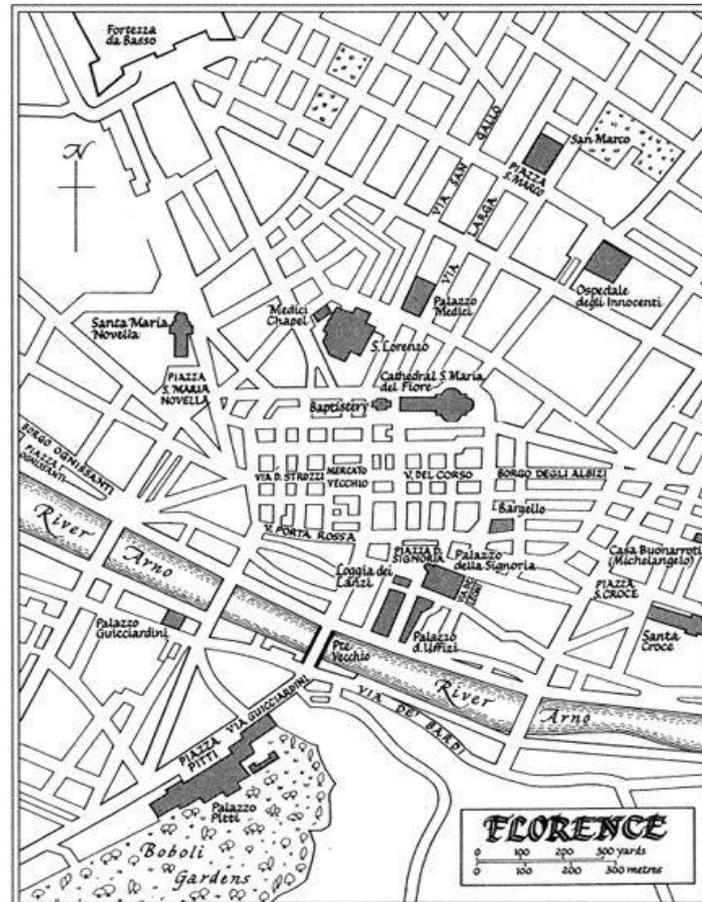
Mais típicos, porém, no comércio de longa distância e, conseqüentemente, mais significativos na estruturação dos padrões de comércio geral, eram os produtos luxuosos de alta qualidade, pelos quais a região mediterrânea se tornou famosa. Já observamos as mudanças dentro da indústria têxtil italiana durante o século XIV que levaram a uma maior concentração na fabricação de tecidos de lã da mais alta qualidade e ao rápido desenvolvimento da indústria de seda em todas as cidades do norte da Itália. Não apenas Lucca, mas também Veneza, Milão, Bolonha, Florença e outras, contribuíram com produtos de seda para o fluxo do comércio internacional. Ainda mais caros do que os tecidos de seda eram os tecidos de ouro e prata, finamente entrelaçados com verdadeiros fios de metal precioso, os pesados damascos e veludos e os belos brocados que eram fabricados no norte da Itália e importados do leste para consumo regional e para transbordo para o norte. (Miskimin, op. cit., p.128; tradução nossa)

Com um crescimento econômico gradual e contínuo, foi necessário que houvessem desenvolvimentos nas áreas monetárias e fiscal destas cidades, para que as fronteiras do comércio continuassem em expansão. Para Metri (2007), o sistema monetário medieval europeu foi caracterizado pela presença de uma ampla variedade de moedas com diferentes metais, pesos e valores, além de diversas instituições e práticas monetárias. Essa complexidade e heterogeneidade das moedas dificultaram as transações comerciais e financeiras entre diferentes regiões e países europeus, impactando o desenvolvimento econômico da época. A ausência de uma moeda única e homogênea na Europa medieval é explicada pela inexistência de um sistema monetário centralizado e padronizado, com a presença de múltiplos poderes políticos e econômicos fragmentados. Essa diversidade de moedas também pode ser explicada pelas diferentes fontes de metais preciosos disponíveis em cada região, bem como pelas práticas de cunhagem de moedas que variavam entre as diferentes autoridades locais.

Uma Europa monetizada e novamente conectada pelo comércio, força o surgimento de uma nova classe de mercadores que se envolveu em transações financeiras complexas, como empréstimos, câmbio de moedas e emissão de letras de câmbio. Esses mercadores, conhecidos como mercadores-banqueiros, desempenharam um papel crucial no desenvolvimento do

sistema financeiro medieval e moderno que utilizamos ainda hoje o palco destas mudanças é a cidade-estado de Florença na Itália.

Figura 2 - Planta de Florença



Fonte: Strathern (op.cit.)

Desde o final do século XIII e ao longo de todo o século XIV, Florença (Figura 2) emergiu como um dos principais centros urbanos e econômicos da Europa. Em 1330, algumas décadas antes da devastadora epidemia de 1348, conhecida como a Peste Negra, a cidade possuía uma população urbana de cerca de 95.000 habitantes, colocando-a em 4º lugar na península italiana e em 6º lugar no continente europeu em termos de importância, do ponto de vista político, segundo Goldthwaite (2009), a cidade havia conquistado sua independência no século XII e consolidado seu controle político sobre a cidade e seus arredores. Ao longo dos séculos XIII-XV, Florença expandiu rapidamente seu território, chegando a controlar quase toda a Toscana contemporânea, à base do rápido sucesso econômico de Florença foi a indústria têxtil, com destaque para a produção de lã. Além disso, os mercadores florentinos estabeleceram uma vasta rede comercial que se estendia por toda a Europa. Durante o século XIV, essas

atividades foram acompanhadas pelo florescimento dos negócios bancários em Florença, com algumas empresas florentinas obtendo o privilégio de emprestar dinheiro para reis europeus e para o Papa.

Contudo, antigas companhias bancárias foram profundamente afetadas por crises econômicas do século XIV, de acordo com (Minskimin, op. cit., p. 151 – tradução nossa), “em 1343, a grande casa bancária dos Peruzzi caiu, e três anos depois foi seguida pela ainda maior firma dos Bardi”. O autor explica que ambas as empresas foram vítimas de excesso de expansão e foram afetadas pelo fracasso de Eduardo III da Inglaterra em honrar suas dívidas. Como resultado, ocorreu uma crise financeira internacional que levou à queda de outras empresas, como os Acciaiuoli, uma das maiores empresas bancárias florentinas na época. No entanto, Minskimin (1975) destaca que algumas empresas conseguiram sobreviver e manter as tradições bancárias italianas, enquanto novas empresas surgiram para preencher o vácuo deixado pelas empresas falidas. A partir do final do século XIV, os bancos italianos recuperaram a sua primazia, mesmo dentro de uma economia internacional bastante reduzida, e nomes como Médici, Pazzi, Rucellai e Strozzi se tornaram proeminentes na era bancária de prata italiana.

Segundo Hoover (1964), a família Médici é considerada o principal expoente da classe mercador-banqueiro, e a razão para isso é multifacetada. Primeiramente, a cidade de Florença, onde a família se estabeleceu, experimentou um período de intensificação do comércio internacional no século XV. Esse fenômeno criou oportunidades significativas para os mercadores banqueiros, que se envolveram em transações financeiras complexas, como empréstimos e câmbio de moedas, além de financiar grandes projetos comerciais. A família Médici soube aproveitar essas oportunidades ao expandir seus negócios em várias áreas, incluindo têxteis, empréstimos bancários, câmbio de moedas e financiamento de incursões comerciais marítimas forneceram aos Médici a capacidade de expansão contínua dos seus negócios via o Banco de Médici.

A rede de filiais bancárias que os Médici estabeleceram em várias cidades europeias foi uma estratégia-chave para expandir seus negócios em todo o continente. Isso permitiu que eles realizassem operações financeiras em grande escala e mantivessem contato com outros mercadores banqueiros e governos em toda a Europa.

É importante esclarecer como funcionaram as leis da usura criadas pela Igreja Católica e como os banqueiros da época conseguiram navegar por este período. Segundo Silva e Santos (2019), a lei da usura, que proibia a cobrança de juros em empréstimos, foi uma das leis mais importantes da Igreja Católica durante a Idade Média. O termo "usura" refere-se ao empréstimo de dinheiro com a cobrança de juros, e a Igreja considerava essa prática como um pecado grave,

pois ela considerava que o dinheiro não podia gerar mais dinheiro sem trabalho ou risco. No século XIV, a Igreja começou a promulgar leis cada vez mais rigorosas para controlar a usura. Por exemplo, em 1311, o Concílio de Vienne proibiu qualquer transação financeira que envolvesse a cobrança de juros, e em 1455, o papa Nicolau V⁸ estabeleceu a pena de excomunhão para os que praticassem a usura. Essas leis foram criadas com o objetivo de proteger os mais pobres da sociedade, que eram frequentemente vítimas de agiotas. No entanto, as leis da usura eram frequentemente contornadas por meio de truques contábeis, como a utilização de contratos de compra e venda com cláusulas de recompra, que permitiam aos credores cobrar juros disfarçados. Além disso, muitos banqueiros e comerciantes que emprestavam dinheiro eram capazes de contornar a lei da usura através de subornos ou da influência política.

Em um cenário assim expansivo, a doutrina da igreja católica sobre a usura apresentava-se, mais e mais, como um empecilho para uma expansão do crédito que se pretendia contínua.

A expansão foi até certo ponto refreada, mesmo na Itália, pela escassez de crédito, que era em parte atribuída à doutrina da Igreja medieval sobre a usura. O Direito Canônico tornou-se cada vez mais específico na sua condenação da cobrança de quaisquer juros sobre o dinheiro emprestado. A concepção de Aristóteles de que o dinheiro era estéril foi aceita pela Igreja primitiva na medida em que o dinheiro era visto, numa distinção feita pelo Direito Romano, como um bem de consumo. (Hodgett, op. cit., p. 80)

Já Hoover (1964) chega a se indagar sobre a possibilidade mesma de existência dos bancos enquanto vigiam as objeções morais à cobrança de juros sobre empréstimos tomados. “A primeira pergunta a ser considerada é simplesmente a seguinte: se a Igreja proibiu o recebimento de juros, como os Médici e outros banqueiros foram capazes de operar e emprestar dinheiro a um lucro sem se expor a acusações de usura?” (Hoover, op. cit., p. 9; tradução nossa). O mesmo autor responde à sua pergunta retórica pela demonstração dos sistemas de negociação utilizados pelos bancos da época.

Como a cobrança de juros foi proibida, os banqueiros tiveram que encontrar outras formas de emprestar com lucro. O método preferido era por meio de

⁸ O Papa Nicolau V foi um papa da Igreja Católica que serviu como o 208º papa de 6 de março de 1447 a 24 de março de 1455. Seu nome de nascimento era Tommaso Parentucelli e ele nasceu em 15 de novembro de 1397 em Sarzana, Itália. Nicolau V é conhecido por ter sido um patrono das artes e da cultura durante o Renascimento, apoiando a coleção de manuscritos e a promoção do humanismo. Ele também trabalhou para restaurar a autoridade papal após o Cisma do Ocidente e promoveu a paz entre os estados italianos. Durante seu pontificado, Nicolau V empreendeu a reconstrução da cidade de Roma, promovendo a construção de edifícios e a restauração de igrejas, o que lhe rendeu o título de "Papa Construtor". Ele também autorizou a realização de expedições missionárias para converter povos não cristãos, especialmente na África e no Oriente Médio. Nicolau V faleceu em 24 de março de 1455 em Roma, Itália.

troca de notas (*cambium per litteras*). Não consistia no desconto praticado hoje, mas na negociação de contas a pagar em outro local e, geralmente, em outra moeda. Os juros, é claro, foram incluídos no preço da fatura, que foi apropriadamente chamada de "letra de câmbio". A consequência prática foi amarrar o sistema bancário à troca, seja troca manual ou notas de câmbio. Talvez seja significativo que a guilda de Florença dos banqueiros tenha sido chamada de 'Arte del Cambio', ou a guilda dos trocadores de dinheiro. Nos livros de contas dos banqueiros italianos, incluindo os dos Médici, raramente se encontram vestígios de desconto, mas existem milhares e milhares de entradas relacionadas a transações de câmbio. (Idem ant., p. 11; tradução nossa)

Os Médici conseguiram escapar das leis da usura graças à sua habilidade financeira e à sua influência política. Uma das estratégias usadas pelos Médici foi a criação de contratos de troca, conhecidos como "comenda"⁹. Esses contratos permitiam que um indivíduo investisse dinheiro em um negócio sem cobrar juros sobre o empréstimo. Em vez disso, o investidor receberia uma porcentagem dos lucros do negócio como pagamento pelo seu investimento. Essa forma de investimento era aceita pela Igreja Católica e permitiu que os Médici financiassem empresas sem violar as leis de usura.

Os Médici também estabeleceram um sistema de parcerias, chamado de *societas*¹⁰, que permitia a vários investidores compartilhar os lucros e riscos de um empreendimento comercial. Esse sistema permitia que os investidores emprestassem dinheiro sem cobrar juros e, em vez disso, compartilhassem os lucros do negócio. Isso também foi aceito pela Igreja Católica como uma forma legítima de investimento. Outra estratégia utilizada pelos Médici foi a criação de uma rede de filiais bancárias em diferentes cidades da Europa. Isso permitiu que eles diversificassem seus investimentos e espalhassem o risco entre várias filiais. Além disso, essa rede de filiais bancárias permitiu que eles emprestassem dinheiro a diferentes taxas de juros, dependendo das leis locais e das necessidades dos clientes. Essa estratégia também permitiu que os Médici contornassem as leis de usura da Igreja Católica. Por fim, os Médici foram capazes de usar sua influência política e social para garantir que suas práticas bancárias fossem toleradas pelas autoridades eclesiásticas e seculares. Eles patrocinavam obras de caridade e arte, e isso lhes permitia estabelecer boas relações com a Igreja Católica e outros líderes políticos e religiosos.

⁹ Comenda era um benefício concedido pela coroa ou por uma ordem militar ou religiosa, que dava ao comendador o direito de receber uma parte dos rendimentos de uma determinada propriedade.

¹⁰ Durante a Idade Média, o termo *societas* era usado para designar uma espécie de parceria comercial entre indivíduos. De acordo com Roover, a *societas* era um contrato em que duas ou mais pessoas se uniam para realizar um empreendimento comercial, dividindo os lucros ou prejuízos de acordo com o capital investido por cada uma. Essa forma de organização empresarial foi bastante utilizada pelos comerciantes italianos da época, como os Médici, e contribuiu para o desenvolvimento do comércio e das finanças na Europa medieval.

Como uma instituição internacional, que obtinha receitas dos mais distantes postos de cristandade, a Igreja necessitava dos serviços de empresas bancárias diversificadas com filiais espalhadas pelo mundo para transmitir fundos para os cofres centrais em Roma. À medida que o metal precioso se tornava escasso e as circunstâncias políticas tornavam o transporte físico de dinheiro mais arriscado, os serviços de bancos como os Medici se tornavam cada vez mais essenciais para a transferência de remessas papais. Por sua vez, à medida que os banqueiros se tornavam mais essenciais, eles se tornavam mais poderosos na hierarquia da Igreja e mais capazes de manipular o poder eclesiástico para seus próprios fins. Os Medici, surgindo dos destroços deixados pelas décadas conturbadas após 1340, rapidamente perceberam as vantagens de uma associação com Roma. Os serviços que eles podiam oferecer foram ricamente recompensados neste mundo. (Miskimin, op. cit., p.151; tradução nossa)

2.1 O início da dinastia Médici

Giovanni de Bicci de' Médici (1360-1429), criou o banco de em 1397, utilizando sua herança, não há muitas informações sobre os antepassados de Giovanni de Bicci, mas Hoover (1964) nos descreve que nenhum deles pertenciam ao ramo bancário ou a Arte del cambio¹¹, como era chamada na Itália naquele século. Embora não haja muitas informações sobre os antepassados de Giovanni de Bicci Médici, é sabido que ele nasceu em uma época em que a Itália era o centro do comércio europeu. A cidade de Florença, em particular, era conhecida por suas riquezas e oportunidades comerciais. Como muitos jovens da época, Giovanni de Bicci cresceu em um ambiente de negócios e começou a trabalhar no banco de seu primo quando era adolescente. Ele rapidamente mostrou habilidade e determinação, e logo começou a expandir os negócios da família.

¹¹ Guilda fundada em 1202 na cidade de Florença, Itália. Responsável pela fiscalização da atividade de cambio, ou seja, a troca de moeda entre cidades e países.

Figura 3 - Giovanni de Bicci de' Médici



Fonte: Paul Strathern (2016)

Giovanni de Bicci de' Médici (Figura 3) é considerado um dos fundadores de um moderno sistema bancário, com sua abordagem conservadora e confiável. Ele acreditava que a chave para o sucesso financeiro era exposições de alto risco e investimentos arriscados. Sua filosofia bancária ajudou a estabelecer a família Médici como líderes de uma emergente classe social que agregava características da burguesia e de uma aristocracia focada em interesses públicos, eles se tornaram um modelo para outras famílias de banqueiros em toda a Europa.

Os Médici, tiveram grande destaque na indústria da lã durante o século XV. A cidade de Florença, onde a família se estabeleceu, era um centro de produção têxtil e os Médici souberam explorar esse mercado de maneira inteligente e estratégica de acordo com, Hoover (1964), o sucesso dos Médici na indústria de lã se deve, em grande parte, ao seu investimento na melhoria das capacidades de produção e qualidade dos produtos. A família implementou novas técnicas de tingimento e acabamento de tecidos, bem como o uso de novas máquinas para cardar e fiar a lã. Além disso, eles investiram em novas técnicas de tecelagem, que permitiram a produção de tecidos mais finos e resistentes. A família iniciou seus negócios no ramo da lã através do comércio de tecidos importados, principalmente da Inglaterra e da

Flandres¹². Com o passar do tempo, os Médici investiram em infraestrutura para a produção local, como a construção de teares mecânicos e a aquisição de terras para criação de ovelhas.

A família também investiu em pesquisa e desenvolvimento, contratando artesãos e técnicos para aprimorar a qualidade dos tecidos produzidos e para criar novas técnicas de tingimento e acabamento. Esse investimento em tecnologia e qualidade tornou a indústria têxtil florentina conhecida por seus tecidos finos e luxuosos, o que aumentou a demanda e o lucro dos Médici. A importância da família na indústria têxtil foi tão grande que eles acabaram por controlar quase toda a produção de lã em Florença, através do controle de inúmeras empresas têxteis e do controle das matérias-primas e comércio de lã.

Esse domínio dos Médici na indústria têxtil permitiu-lhes influenciar o mercado internacional, tornando-se fornecedores de tecidos para a realeza e nobreza europeia, a estratégia dos Médici na indústria têxtil não se limitou apenas ao controle da produção, mas também incluiu a criação de redes de comércio internacionais e a diversificação dos investimentos em outras áreas, como bancos e obras de arte. A família utilizou sua riqueza e influência para estabelecer relações comerciais com outros países, o que permitiu o acesso a novos mercados e tecnologias.

O fato de Giovanni de Bicci de' Médici ser considerado um dos pais do moderno sistema bancário, que surgiu na Itália renascentista. Segundo Hoover (1964), ele teve um papel fundamental no desenvolvimento do sistema bancário italiano, por meio de suas inovações e habilidades de negociação. Giovanni de Bicci criou os alicerces do que viria a se tornar um negócio sólido, com duas das filiais mais prósperas sendo as de Florença e Roma. A filial de Roma era praticamente móvel, pois acompanhava as comitivas papais que naquele momento da história realizavam várias incursões pela Europa, afim de aumentar o controle sobre as massas e reinos europeus por toda a Itália e Europa medieval. Para isso, os papas necessitavam de um constante suprimento financeiro que era provido pela filial romana.

Hoover (1964) afirma que as contas papais foram adquiridas graças à habilidade de negociação que Giovanni de Bicci adquiriu nos anos em que foi aprendiz no banco de seu primo Messer Vieri di Cambio (or Cambiozzo) de' Médici (1323-1395) na filial romana. A família Médici era conhecida por sua habilidade em fazer negócios, e Giovanni de Bicci não era exceção. Ele rapidamente percebeu que os negócios em Florença não se limitavam apenas ao

¹² Flandres é uma região histórica que se estende por partes da Bélgica, França e Países Baixos, conhecida por sua rica cultura, arquitetura, gastronomia e paisagens cênicas. A região é caracterizada por sua forte influência cultural e linguística flamenga, e é um importante centro de produção de cervejas, chocolates, rendas e tapetes. Flandres também é famosa por suas cidades históricas, como Bruges, Gent e Antuérpia, que apresentam belos edifícios, canais e monumentos.

comércio de lã e tecidos, mas incluíam também o comércio de dinheiro. A cidade era um importante centro financeiro da época, e o comércio de dinheiro era uma atividade lucrativa e necessária para financiar as empresas têxteis e outras atividades comerciais. Com o tempo, Giovanni de Bicci foi capaz de consolidar sua posição como um dos principais banqueiros da cidade.

Uma das principais inovações criadas pelos mercantilistas italianos, e que foi adotada pelo Banco Médici, foi o livro de dupla-entrada contabilista. O livro de dupla entrada, também conhecido como método das partidas dobradas, é uma técnica contábil que revolucionou a forma como as empresas e indivíduos registram suas transações financeiras. Esse método foi desenvolvido na Itália, por volta do século XIII, e tornou-se amplamente utilizado durante o Renascimento, período em que a contabilidade passou a ser uma disciplina mais sofisticada e sistemática. O método das partidas dobradas é baseado no princípio de que toda transação financeira envolve pelo menos duas contas: uma conta que é debitada e outra que é creditada. Assim, sempre que uma empresa realiza uma transação financeira, ela deve registrar tanto o valor debitado quanto o valor creditado, garantindo assim que o registro contábil seja equilibrado, o livro de dupla entrada é considerado um dos principais avanços da contabilidade e foi fundamental para o desenvolvimento do sistema bancário moderno. Ele permitiu que as empresas tivessem uma visão mais clara de suas finanças, tornando mais fácil o planejamento e a tomada de decisões. Além disso, o método das partidas dobradas proporcionou maior transparência e segurança para as transações financeiras, evitando erros e fraudes.

Segundo Hoover (1964), o livro de dupla entrada tornou-se uma ferramenta essencial para os bancos italianos, que passaram a utilizá-lo para registrar suas transações financeiras. Isso permitiu que os bancos controlassem com maior precisão suas finanças e oferecessem serviços bancários mais avançados, como empréstimos e depósitos. A partir daí, o método das partidas dobradas se espalhou por toda a Europa e se tornou um padrão na contabilidade moderna. Esse sistema de contabilidade também permitiu a identificação de possíveis fraudes ou erros contábeis além disso, o Banco Médici também utilizou as letras de câmbio que eram um importante instrumento financeiro utilizado pelos mercadores europeus na Idade Média e no início da Idade Moderna.

Hoover (1964) destaca que as letras de câmbio eram títulos de crédito emitidos por um credor em favor de um devedor, permitindo que este último pudesse pagar sua dívida em um local diferente daquele onde ela foi contraída, essas letras eram bastante utilizadas por mercadores que faziam transações internacionais, pois permitiam que eles transferissem dinheiro de um país para outro de forma segura e eficiente. Além disso, as letras de câmbio

também eram utilizadas para financiar as viagens dos mercadores, pois permitiam que eles tivessem acesso a crédito em diferentes partes do mundo, o processo de emissão das letras de câmbio era bastante complexo, envolvendo diversas partes, como o credor, o devedor, o portador da letra e o banqueiro que intermediava a transação. Segundo Hoover (1964), os bancos italianos, em especial os da cidade de Florença, foram pioneiros no uso das letras de câmbio, desenvolvendo um sistema altamente sofisticado de emissão e circulação desses títulos.

Para garantir a segurança das transações, as letras de câmbio eram endossadas pelos banqueiros e, em alguns casos, também por outros comerciantes, tornando-se assim um título negociável. Com isso, os portadores desses títulos podiam negociá-los livremente, o que tornava o sistema financeiro mais flexível e eficiente. Outra inovação importante foi o seguro de viagens marítimas, que permitia aos comerciantes protegerem suas mercadorias e investimentos durante as viagens pelo mar, que eram muitas vezes arriscadas devido a condições climáticas adversas, pirataria e outros perigos. Os comerciantes que queriam assegurar suas mercadorias pagavam um prêmio à companhia de seguros marítimos. Em troca, a companhia assumia o risco de perda ou dano à carga durante o transporte.

Somente com a chegada de Cosimo de' Médici (1389-1464), o filho mais velho e herdeiro de Giovanni de Bicci, que o banco começa a sua expansão agressiva para além das fronteiras das atividades provenientes para um banco na época, uma série de investimentos e parcerias realizadas por Cosimo, em diferentes ramos dentro da economia de Florença e de toda a região da Toscana, filiais são abertas por todo o território Italiano, em Pisa, Veneza, Milão, Geneva e Nápoles, além de filiais fora dos territórios Italianos como Genebra, Londres, Bruges e Lion. É importante ressaltar que Cosimo de' Médici e seu irmão mais novo Lorenzo de Médici¹³, sempre atuaram em parceria sobre a organização das estruturas econômicas.

¹³ Lorenzo de' Médici (1395-1440), também conhecido como Lorenzo o velho, foi o segundo filho de Giovanni de Bicci, participou ativamente nos negócios da família após o falecimento de Giovanni de Bicci, embora não tenha um papel ativo na política como o seu irmão Cosimo, após o fim da linhagem de Cosimo, seus descendentes se tornaram o ramo principal da família.

Figura 4 - Cosimo de' Médici



Fonte: Paul Strathern (2016)

Será Cosimo de' Médici (o velho) o responsável pela expansão das atividades comerciais do banco, abrindo filiais por toda a Península Ibérica. Com o aumento das receitas, o poder econômico, concentrado nas mãos dessa família, isola-a como a mais rica da cidade de Florença e provavelmente de toda a Europa do século XV. O registro de *catasto*¹⁴, uma espécie de imposto de renda da época, demonstra bem essa discrepância. Na tabela 1 a seguir podemos ver a distância das fortunas entre Giovanni de Bicci e os herdeiros de Giovanni d'Amerigo Benci, sendo este um dos gerentes gerais do banco de Médici em Florença.

¹⁴ O *catasto* florentino foi promulgado pela lei da República de Florença em 22 de maio de 1427. Consistia em que todo cidadão declarasse sob sua bandeira seu próprio nome e o dos membros da família, idade, cargo e profissão de cada um, a propriedade imóvel e móvel que possuía dentro ou fora do domínio florentino e também em outros lugares, somas de dinheiro, créditos, tráfego, mercadorias, escravos, bois, cavalos, manadas e rebanhos. Por esse registro se nota que, Cosimo pagava quatro vezes mais impostos do que a segunda família mais rica da cidade: 576 florins, o que correspondia a mais de 40% dos 1.384 florins pagos pelas famílias com débitos superiores a 50 florins em 1457 (Roover, op. cit., p. 31).

Tabela 1 - Lista dos pagantes do *catasto* acima de 50 Florins de 1457

| | Pagantes do Catasto | Florins |
|-----|---|----------------|
| 1. | Cosimo di Giovanni e Pierfrancesco de' Médici | 576 |
| 2. | Herdeiros de Giovanni d'Amerigo Benci | 132 |
| 3. | Giovanni di Paolo Rucellai | 102 |
| 4. | Castello di Piero Quaratesi | 98 |
| 5. | Tanai di Francesco Nerli | 88 |
| 6. | Jacopo di Messe Andrea dei Pazzi | 84 |
| 7. | Andrea di Lapo Guardi | 70 |
| 8. | Gino di Neri di Gino di Neri Capponi | 63 |
| 9. | Jacopo di Piero Baroncelli | 60 |
| 10. | Andrea di Francesco Banchi | 54 |
| 11. | Filhos de Antonio di Messer Andrea dei Pazzi | 51 |
| | Total | 1.384 |

Fonte: Roover (op. cit, p. 31).

Com isso, Cosimo é forçado a se direcionar à política: seu pai, Giovanni de Bicci, embora fosse muito capaz nos negócios, não possuía a aptidão para a política, negando-se a servir nos chamados da *Signoria*¹⁵ e pagando multas a fim de se abster da política. Mas, Cosimo que também via no exemplo de seu pai o distanciamento da política como algo essencial para um homem de negócios da família, Cosimo, tinha a convicção que não poderia realizar ambos os trabalhos sem que um prejudicasse ao outro e para ele os negócios da família Médici se sobressaiam sobre os interesses políticos de Florença e a democracia florentina, porém com a morte do irmão de Cosimo, Lorenzo de' Médici, em 1440, marca como o ponto crucial para a entrada de Cosimo na política florentina. Lorenzo era um líder político importante e sua morte deixou um vácuo de poder na cidade. Cosimo, então, assumiu a liderança da família na política e utilizou sua influência financeira para obter apoio político e evitar a ameaça de outras famílias rivais em Florença.

Ao utilizar a política como uma ferramenta para ampliar os poderes da família; embora não ocupasse nenhum cargo político de fato, usava a sua riqueza de modo a influenciar

¹⁵ *Signoria* era o nome do governo da República de Florença, na Florença Medieval. Seus nove membros, chamados de *Priori* eram escolhidos entre os membros mais conceituados das associações de comerciantes, trabalhadores e artesões da cidade. Os nove compunham a *Gonfaloniere di Giustizia*.

e controlar os membros da *Signoria*, aprovando acordos e leis do seu interesse. Seu *modus operandi* é registrada na comunicação epistolar do Papa Pio II: "as questões políticas são resolvidas na casa de Cosimo. O homem escolhe os ocupantes dos cargos... É ele quem decide se há paz ou guerra. Ele é rei em tudo, só lhe falta o título" (apud Fletcher, 1999 – tradução nossa). Sob a tutela de Cosimo o Velho, os Médici durante 1429-1464 tiveram sua época de ouro.

Roover (1964), nos traz a seguinte indagação sobre as qualidades que fizeram Cosimo de' Médici ter sucesso nos seus investimentos.

O que fez Cosimo ser um líder e administrador tão extraordinários nos negócios e na política foi a sua habilidade em ler o caráter daqueles a quem delegava ofícios, ele possuía excepcional qualidade de encontrar o homem certo para o trabalho certo. Além de conseguir governar Florença por trás das cortinas enquanto preservava a aparência de "liberdade" e o processo constitucional. Mas nenhuma grande decisão era tomada sem o seu conhecimento ou a sua vontade. A admiração que ele inspirava foi tamanha que seu poder jamais foi contestado e nenhuma conspiração foi realizada durante o seu julgo. De acordo com o Papa Pio II (reinado 1458-1465), que foi o humanista Aeneas Silvius Piccolomini, Cosimo tinha tanto prestígio que sua influência política não foi apenas confinada a Florença os seus conselhos eram ouvidos por governantes e príncipes de toda a Itália. Até eventos políticos após os alpes não escapavam de seus olhos e ouvidos, pois era sempre informado sobre os cursos dos eventos e negócios realizados fora do país. (Roover, op. cit., p. 75; tradução nossa).

A participação em variados negócios possibilitou a Cosimo, ser aceito e reconhecido em várias guildas de Florença, isto fortaleceu sua posição para assumir o controle da Signoria. Ao expandir a oferta de crédito para os comerciantes florentinos, Cosimo, se apropria de uma rede de interesses, fazendo pressão sobre os Priori¹⁶, aprovando resoluções que expandiam seu poder. Ora como poderia alguém ir contra os Médici, eles tinham investimentos e florins a cobrar de todas as guildas e negócios não só em Florença, mas em Veneza, Milão e até na própria Roma.

Contudo, essa ascensão não foi bem vista pela aristocracia florentina, que via com desconfiança a crescente influência da classe mercantil e financeira em detrimento da aristocracia territorial a elite dominante da cidade, que era composta principalmente por nobres proprietários de terras, temia que a crescente influência dos Médici pudesse ameaçar seu próprio poder e posição na cidade. Em particular, a ascensão dos Médici como banqueiros e financistas

¹⁶ Os Priori da Signoria foram o principal órgão governante de Florença durante o século XIV. Eles eram responsáveis por governar a cidade e tomar decisões políticas, econômicas e judiciais. Os Priori eram eleitos por um período de dois meses e serviam como magistrados. Eles eram escolhidos entre as principais famílias de Florença e eram responsáveis por administrar a cidade em nome do povo.

significou que eles podiam emprestar dinheiro para a nobreza, tornando-se uma força poderosa na economia florentina e um possível desafio para a aristocracia, esta tensão entre os Médici e a aristocracia florentina se tornou evidente durante o governo de Cosimo. Embora Cosimo fosse amplamente admirado por suas habilidades políticas e financeiras, ele frequentemente entrava em conflito com a antiga aristocracia da cidade. Esses conflitos foram muitas vezes agravados por disputas comerciais e financeiras, bem como pela interferência de outras potências estrangeiras que buscavam o apoio da nobreza local.

Por exemplo, em 1433, Cosimo foi preso e exilado de Florença pelos Albizzi, uma poderosa família aristocrática que temia seu crescente poder e influência. Essa expulsão foi vista por muitos como uma tentativa de preservar o poder da nobreza em face da crescente influência dos banqueiros e mercadores. No entanto, a expulsão de Cosimo também teve graves consequências econômicas para a cidade, uma vez que a família Médici era responsável por muitos empréstimos e investimentos importantes na economia florentina.

Strathern (2016), narra como o poder de Cosimo já haviam se estendido para além das fronteiras florentinas; a notícia da prisão de Cosimo chegou rapidamente além das fronteiras da República Florentina e encontrou uma resposta internacional, as potências estrangeiras, incluindo Veneza e Roma, eram fortemente dependentes dos serviços bancários de Cosimo, que se mostraram indispensáveis para seus negócios. O ramo veneziano do Banco Médici, estabelecido em 1402, estava profundamente envolvido no comércio distante da República de Veneza, lidando com lã de Valência e especiarias e âmbar enviados do Oriente por comerciantes venezianos. O livro secreto de 1427 mostra que o volume de negócios do ramo veneziano era enorme, equivalente a 50.568 florins, com um lucro de cerca de 8 por cento. Os comerciantes que lidavam com o Banco Médici estavam entre as principais famílias da República de Veneza, o que explicou a delegação composta por três embaixadores enviada às pressas para Florença com ordens para garantir a libertação imediata de Cosimo de' Médici.

A influência de Cosimo de' Médici não estava limitada apenas ao comércio, mas também se estendia à esfera política. Ele tinha laços estreitos com o Papa Eugênio IV¹⁷, que era filho de um comerciante veneziano e bem sabia do envolvimento benéfico de Cosimo no comércio da cidade. Cosimo também era o banqueiro papal, o que tornava sua prisão ainda mais

¹⁷ Eugênio IV foi o Papa da Igreja Católica Romana de 1431 até sua morte em 1447. Seu nome de batismo era Gabriele Condulmer e ele nasceu em Veneza, Itália, em 1383. Eugênio IV foi eleito Papa em 1431, após a morte de seu predecessor, o Papa Martinho V. Durante seu papado, ele enfrentou uma série de desafios políticos, incluindo conflitos com o imperador do Sacro Império Romano-Germânico, Sigismundo de Luxemburgo, e com o Concílio de Basileia, que questionava a autoridade papal. Eugênio IV também foi responsável por várias reformas na Igreja, incluindo a criação do Colégio dos Cardeais e a promoção do uso do latim na liturgia. Ele morreu em 1447 em Roma, Itália.

preocupante para Roma. O Papa enviou uma mensagem a Florença ordenando a intervenção em favor de Cosimo pelo representante papal local, que era Ambrogio Traversari, um amigo humanista de Cosimo que havia traduzido vários de seus manuscritos raros.

A prisão de Cosimo foi, portanto, um evento de grande importância para a economia e a política da época. As potências estrangeiras dependiam fortemente dos serviços bancários de Cosimo, o que levou a uma reação rápida em seu favor. Sua influência e poder no cenário político da cidade também eram evidentes, o que explicou por que sua prisão causou tanta agitação entre as elites florentinas.

Após um ano de exílio em Veneza, Cosimo de' Médici finalmente retornou a Florença em 1434, em um dos eventos mais marcantes da história da cidade. Sua volta foi triunfante, saudada por uma multidão de apoiadores e seguidores, que o aclamavam como um herói. Com o auxílio de seus aliados políticos, Cosimo havia trabalhado nos bastidores para construir uma ampla coalizão de apoio, o que lhe permitiu reverter a situação e retomar seu lugar de destaque na política florentina ao retornar, Cosimo utilizou sua habilidade política e financeira para consolidar seu poder e fortalecer a posição dos Médici na cidade. Ele estabeleceu novas alianças e renovou antigas amizades, além de lançar uma série de projetos e iniciativas para melhorar a economia da cidade e expandir sua base de apoio. Entre as medidas tomadas por Cosimo, destacam-se a construção de novas estradas e pontes, a promoção do comércio com outras cidades e nações, e o patrocínio de artistas e intelectuais que ajudaram a consolidar o poder dos Médici como mecenas culturais.

A partir de seu retorno, Cosimo se tornou o verdadeiro líder de Florença, exercendo um domínio quase absoluto sobre a cidade e seus cidadãos. Seu governo foi marcado por um forte compromisso com a estabilidade política e a prosperidade econômica, além de uma preocupação com a arte e a cultura, que tornaram Florença um centro de renovação e inovação em todas as áreas.

Cosimo sempre teve um interesse na realização de obras de infraestrutura na cidade de Florença para melhorar as condições da população em geral, os investimentos que ele realizou são de grande importância para o surgimento do renascimento arquitetônico Italiano como conhecemos hoje, entre elas temos a construção da Basílica de San Lorenzo em Florença, uma das principais igrejas da cidade. A construção foi iniciada em 1419 e durou mais de 20 anos.

Cosimo investiu grande parte de sua fortuna pessoal na construção, que foi supervisionada por arquitetos e artistas renomados, como Filippo Brunelleschi¹⁸ e Donatello¹⁹.

Além da Basílica de San Lorenzo, Cosimo também investiu em outras importantes obras de infraestrutura na cidade, como a Ponte Santa Trinita e o Palazzo Médici, uma residência de verão da família Médici, foi ampliado e decorado com obras de arte renomadas, incluindo a Capela dos Magi, que contém afrescos de Benozzo Gozzoli. Além disso, Cosimo também investiu em projetos de infraestrutura em outras partes da Itália, como a fortificação de cidades como Pisa e Lucca, e a construção de um porto em Livorno. Esses investimentos ajudaram a fortalecer a posição política e econômica da família Médici em toda a região.

Os investimentos de Cosimo em infraestrutura também foram acompanhados por uma política de mecenato artístico e cultural, a extravagância da patronagem de Cosimo fica evidente em um estudo cuidadoso do "libro segreto" revela que foram gastos colossais 660.000 florins que se sabe que ele gastou e não representa tudo o que ele havia ganho. Estima-se que Cosimo herdou cerca de 100.000 florins de seu pai Giovanni di Bicci, mas apesar de seus vastos gastos de caridade, ele deixou mais de 200.000 florins.

De fato, a generosidade de Cosimo em relação à construção de obras em Florença foi alimentada por sua própria visão política e econômica. Ao patrocinar as artes e arquitetura, ele não apenas apoiou artistas e artesãos locais, mas também criou um ambiente cultural próspero e atraente que ajudou a atrair investidores e turistas para a cidade, no entanto, a construção de obras em Florença não foi uma tarefa fácil. Muitas vezes, as obras eram financiadas através de empréstimos do Banco Médici, que colocavam uma grande pressão sobre os recursos financeiros da família. Além disso, as obras muitas vezes enfrentavam oposição da aristocracia florentina, que viam a riqueza e o poder crescentes dos Médici como uma ameaça à sua própria posição na cidade.

¹⁸ Filippo Brunelleschi (1377-1446) foi um arquiteto e escultor italiano do Renascimento, famoso por seus trabalhos na catedral de Florença e na Igreja de San Lorenzo. Ele é conhecido como um dos pioneiros da arquitetura renascentista e um dos mais importantes artistas do século XV na Itália.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. Filippo Brunelleschi. Encyclopaedia Britannica, inc., 2021. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Filippo-Brunelleschi>. Acesso em: 3 abr. 2023

¹⁹ Donatello (1386-1466) foi um escultor italiano do Renascimento, um dos mais importantes de seu tempo. Ele nasceu em Florença e foi aprendiz de Ghiberti, outro famoso escultor da época.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. Donatello. Encyclopaedia Britannica, inc., 2021. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Donatello>. Acesso em: 3 abr. 2023.

O apoio a artistas e intelectuais, como Michelangelo²⁰ e Leonardo da Vinci²¹, e investimento em projetos culturais importantes, como a Biblioteca Medicea Laurenziana, as bibliotecas sempre foram um ponto importante nas políticas públicas de Cosimo, como Burckhardt menciona nessa passagem:

O florentino Niccolò Niccoli, membro daquele culto grupo de amigos que cercava Cosimo de Médici, o Velho, gastou toda a sua fortuna na compra de livros. No fim, quando seu dinheiro já terminara por completo, os Médici lhe abriram a bolsa, para que retirasse qualquer importância necessária de modo a cumprir seu objetivo. A ele devemos os últimos livros de Ammianus Marcellinus, o De Oratore, de Cícero, e outras obras; foi ele que persuadiu Cosimo a comprar de um mosteiro de Lubeck o melhor manuscrito de Plínio. Com nobre confiança, emprestava seus livros àqueles que pediam, permitindo a todos os visitantes estudá-los em sua própria casa. Estava sempre pronto a conversar com os estudantes sobre aquilo que liam. Sua coleção de oitocentos volumes, avaliada em 6 000 florins de ouro, passou após sua morte, com a intervenção de Cosimo, ao Mosteiro de São Marcos, sob a condição de que ficasse acessível ao público. (Burckhardt, 1991, p. 116)

A visão de Cosimo de que a cultura e a arte eram essenciais para a sociedade, juntamente com seus investimentos em infraestrutura e desenvolvimento econômico, ajudou a estabelecer Florença como um centro de inovação, arte e cultura durante o Renascimento. Seu legado econômico e cultural ainda é visível em Florença e continua a influenciar a história da Itália e da Europa até os dias atuais. Algumas das maiores obras feitas pelos artistas da Renascença foram patrocinadas pelos Médici, Cosimo em especial (Figura 5).

Não há dúvida de que homens como Giovanni di Bicci e Cosimo de' Médici estavam imbuídos de um espírito capitalista de aquisição e estavam empenhados em acumular grande riqueza. (...) A ascensão da família talvez seja mais bem ilustrada por suas alianças de casamento: primeiro as principais famílias florentinas, a alta nobreza e depois finalmente as casas soberanas da Europa. (Roover, op. cit., p. 7 – tradução nossa)

²⁰ Michelangelo Buonarroti (1475-1564) foi um dos maiores artistas do Renascimento italiano, conhecido por suas esculturas, pinturas e arquitetura. Ele nasceu em Florença e estudou com os principais artistas da época, como Leonardo da Vinci e Ghirlandaio.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. Michelangelo. Encyclopaedia Britannica, inc., 2021. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Michelangelo>. Acesso em: 3 abr. 2023.

²¹ Leonardo da Vinci (1452-1519) foi um dos mais importantes artistas e inventores do Renascimento italiano. Ele nasceu em Vinci, na Toscana, e estudou com alguns dos principais artistas da época em Florença.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. Leonardo da Vinci. Encyclopaedia Britannica, inc., 2021. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Leonardo-da-Vinci>. Acesso em: 3 abr. 2023.

Figura 5 - Julgamento Final de Michelangelo



Fonte: Strathern (op. cit)

O poder político dos Médici lhes proporcionou alianças por toda a Europa durante os séculos que se seguiram (via matrimônios com as casas soberanas da Europa, Catarina de Médici casou-se com Henrique, Duque de Orleans em 1533, e foi coroada rainha da França em 1549), construíram sólidas relações com a Igreja Católica, que possuía um poder imensurável sobre as massas e soberanos da Europa. Os Médici literalmente entraram na Igreja: há quatro papas em sua árvore genealógica: Leão X (1513-1521), Clemente VII (1523-1534), Pio IV (1560-1565) e Leão XI (1605-1605).

A ligação entre a Igreja Católica e a família Médici se deu a um conjunto de fatores, o papado necessitava que uma instituição recolhesse os impostos das províncias mais afastadas

de forma segura, mas os grandes bancos da época estavam falindo por inúmeros motivos desde a peste negra ao empréstimo de altas somas de capital a governantes estrangeiros que davam calotes, foi nesse período que Giovanni de Bicci Di Médici funda o Banco Médici instrumento que será o alicerce da ascensão econômica e social da família. O ano de 1397 pode ser considerado a data de fundação do Banco Médici, pois naquele ano Giovanni di Bicci de' Médici, que administrava um banco em Roma, decidiu transferir sua sede para Florença. O Banco durou quase cem anos, até 1494, quando os Médici foram expulsos de Florença e todas as suas propriedades, investimentos comerciais e imóveis, foram sequestrados e colocados nas mãos dos receptores.

No decorrer desse século, o Banco Médici passou por um período de expansão, que terminou com a morte de Cosimo em 1464, e um período de declínio, que, lento e gradualmente a princípio, ganhou impulso depois de 1478, o ano da conspiração dos Pazzi, que sacudiu o edifício Médici até a sua fundação” (Roover, op. cit., p. 3, tradução nossa)

As mesmas qualidades que fizeram Cosimo ser um sucesso na política, foram responsáveis pelas suas conquistas nos negócios. Sobre a tutela de Cosimo o Banco di Médici se tornou o maior banco da época. Sendo um grande distribuidor de tarefas Cosimo não tentou gerenciar tudo, muito pelo contrário não ficou preso aos detalhes do dia a dia, e soube mais do que tudo ter uma mão extremamente firme sobre aqueles que o serviam. Embora fosse um Mestre severo nos negócios, Cosimo era generoso na distribuição de lucros com os seus gerentes, aqueles que tivessem um bom desempenho na obtenção de contratos favoráveis recebiam quantias volumosas, famílias como os Benci, Martelli, Taddei, Berlinghieri, ficaram extremamente ricas servindo a Cosimo e os interesse do Banco di Médici.

Embora a prosperidade tenha sido longa, nos anos finais de Cosimo, severamente doente e torturado pela gota²², ele acabou cometendo alguns erros, com o falecimento de Giovanni Benci o gerente da filial de Florença, e grande administrador, Cosimo optou por colocar os filhos de Giovanni Benci na gerencia, isto se provou uma péssima ideia, até houve uma tentativa reparar o erro ao transferir Francesco di Tommaso Sasseti de Genebra para Florença, afim de ajudar a gerenciar a filial, porém o resultado não foi o esperado.

Cosimo nos seus dias finais, recusou-se assim como o seu pai a fazer um testamento, talvez para não sofrer grandes percas por impostos ou para não tornar público a grande acumulação de capital que possuía, como Roover (1964) nos indaga, Cosimo na sua

²² Doença metabólica que atinge uma (mais comum) ou mais articulações. Trata-se de um tipo de artrite. É caracterizada pela elevação de ácido úrico no sangue, o que leva a um depósito de cristais de monourato de sódio nas articulações.

simplicidade quis ter um funeral simples como um cidadão ‘comum’ de Florença, faleceu no dia primeiro de agosto de 1464, na vila de Médici próximo a Florença. Seus desejos foram respeitados e não houve funeral de estado, porém, a república de Florença lhe deu o maior dos tributos, ao proclama-lo *pater patriae*²³. Cosimo pavimentou o caminho para que pela acumulação de capital através do Banco de Médici, a família pudesse ascender socialmente a nobreza europeia, nobres de grandes títulos porém de fortunas curtas, eram rapidamente atraídos para acordos matrimoniais pelos Médici, estes movimentos possibilitam uma ascensão de uma família antes de origem comum, assumir o controle de cidades-estados e até nações ao longo da história mas o que Braudel define como o modelo italiano, de acumulação e ascensão de classes.

Uma trágica série de eventos aconteceram ao Banco de Médici, o filho de Cosimo, Piero di Cosimo de’ Médici (1416-1469)²⁴ também sofria de gota e faleceu pouco tempo após seu pai, deixando seu neto Lorenzo de’ Médici, também conhecido como O Magnífico no comando, e embora Lorenzo fosse um grande estadista ele não possuía as habilidades gerenciais que o Banco necessitava para atravessar as tubulações da época.

Figura 6 - Lorenzo de’ Médici



Fonte: Strathern (op. cit)

²³ "Pater Patriae" é uma expressão em latim que significa "Pai da Pátria". É um título honorífico que foi dado a algumas personalidades históricas que foram consideradas pais fundadores ou líderes de seus países. Esse título era concedido como reconhecimento por seus serviços excepcionais e dedicação à nação.

²⁴ Piero di Cosimo de’ Médici (1416-1469) filho de Cosimo o velho, Piero tinha pouca ou quase nenhuma aptidão para os negócios da arte del cambio, sobre o curto período de tempo que passou como chefe da família, o Banco di Médici sofreu duras perdas e teve de liquidar vários investimentos em manufaturas e comércios, isto causou uma grande insatisfação das guildas de Florença que começaram a criar desconfiança para com a família Médici com o seu falecimento coube ao seu filho Lorenzo recuperar o prestígio perdido pelo seu pai perante a sociedade Florentina.

No entanto, Lorenzo de' Médici (1449-1492), tem as aspirações políticas que seus antepassados não possuíam, Lorenzo sabia que a influência política em Florença era essencial para manter o poder e a riqueza da família Médici, que enfrentava ameaças constantes de outras famílias rivais e das próprias instituições políticas da cidade. Por isso, ele se envolveu profundamente na política florentina, atuando como diplomata, negociador e estrategista, ao estabelecer uma rede de alianças e contatos influentes que garantiam o apoio político dos Médici na cidade, ele cultivou relações com líderes religiosos, como o Papa Sisto IV²⁵, Lorenzo necessitava manter a Santa Sé próxima da família para a manutenção do seu controle para além de Florença, se os Médici antes já eram patronos de sacerdotes este movimento foi acentuado por Lorenzo que fez questão de investir grandes quantidades de dinheiro para aumentar a influência na igreja daqueles a quem tinha acordos.

Como destaca Kent (2006), a influência política e econômica dos Médici na Igreja Católica foi notável durante o Renascimento italiano. A família bancária florentina não apenas controlava o fluxo de riqueza na região, mas também detinha o poder de influenciar a seleção de membros do clero em níveis hierárquicos importantes, como bispos e cardeais. Segundo Kent (2006), a nomeação de membros do clero era frequentemente bloqueada pelos Médici por diversos motivos, como dívidas com o Banco Médici contraídas por sacerdotes e familiares próximos. Em muitos casos, as nomeações só ocorriam após o pagamento das dívidas. Essa prática ilustra a estreita relação entre o poder econômico e político dos Médici e sua influência na Igreja Católica.

Também Strathern (2016) ressalta a influência dos Médici sobre a Igreja Católica. A participação da família bancária florentina na nomeação de membros do clero e sua capacidade de influenciar a política religiosa da época, as habilidades diplomáticas de Lorenzo foram essenciais para que as alianças com os líderes políticos de outras cidades-estados italianas, como Milão e Veneza, continuassem a garantir para a família influência em cidades com um poderio militar que Florença não possuía os Médici sempre tiveram relações estreitas com os Duques de Milão.

Para consolidar ainda mais a posição política dos Médici, Lorenzo incentivou a participação ativa da família nas instituições políticas da cidade, ao assumir o controle da família após a morte do pai em 1469, Lorenzo tinha apenas 20 anos, sua pouca idade, causava

²⁵ O Papa Sisto IV foi o líder da Igreja Católica Romana de 1471 a 1484. Seu nome de nascimento era Francesco della Rovere e ele nasceu em Ligúria, Itália, em 21 de julho de 1414. Durante seu pontificado, ele ordenou a construção da Capela Sistina e iniciou uma reforma da Cúria Romana. Ele também estabeleceu a Inquisição Espanhola e autorizou a expedição de cristãos europeus para a África para escravizar os africanos. Sua morte ocorreu em 12 de agosto de 1484 em Roma, Itália.

desconfiança dos agentes políticos e econômicos da época além dos governantes como Kent (2006) demonstra nessa passagem

Mesmo governos amigáveis observaram seu desempenho com cautela. O agente mantuano Bartolomeo Bonatto informou Ludovico Gonzaga em 14 de junho de 1470 que "alguns dizem que esta cidade está seguindo um caminho republicano, reconhecendo a autoridade da Signoria no Palazzo Vecchio. Ninguém vai à casa de Lorenzo, e ele fica lá trancado, aparentemente interessado apenas em assuntos comerciais, e só vai ao palácio quando convidado". Neste momento de crise óbvia, (...) o jovem líder escolheu agir com decoro republicano. Ele deve ter sido consciente de sua extrema juventude em uma sociedade acostumada a ser governada por homens maduros. (Kent, op. cit., p. 45; tradução nossa)

Lorenzo herdou o controle do banco Médici em um momento de crise financeira, já que a economia florentina estava enfraquecida e o banco havia enfrentado perdas significativas. Lorenzo trabalhou diligentemente para reorganizar os negócios da família e recuperar a estabilidade financeira do banco ele iniciou uma série de medidas; uma das primeiras medidas que Lorenzo adotou foi reestruturar a gestão do banco, eliminando práticas ineficientes e tornando-a mais responsável. Ele também expandiu as operações do banco, abrindo filiais em outras cidades italianas e estabelecendo relações comerciais com outros países. Com isso, ele conseguiu diversificar as fontes de receita do banco e aumentar o volume de negócios.

Ele também iniciou uma série de concessões de linhas de créditos para comerciantes florentinos, afim de melhorar a economia florentina que estava em crise, ao expandir o crédito e aumentar os investimentos e as participações em manufaturas e lã, seda e minérios, Lorenzo iniciou uma espécie de política anticíclica, Lorenzo compreendia a importância do investimento para a retomada do crescimento econômico. Buscou criar um ambiente favorável para que as empresas florentinas pudessem investir e crescer, o que incluiu a promoção de políticas que incentivavam a inovação e o desenvolvimento tecnológico, e também investiu em obras públicas, como a construção de aquedutos e pontes, gerando empregos e movimentando a economia local, além disso, Lorenzo adotou políticas fiscais expansivas, aumentando os gastos públicos e reduzindo impostos para estimular o consumo e o investimento. Essa abordagem foi fundamental para a recuperação da economia florentina, que passou a crescer a partir dos anos de liderança de Lorenzo.

Lorenzo seguiu uma política de equilíbrio de poder, trabalhando para manter boas relações com todas as cidades-estados italianas, sem favorecer uma em detrimento de outra. Ele sabia que a rivalidade entre as cidades-estados era uma fonte constante de conflito e instabilidade, e que a paz e a cooperação eram fundamentais para o sucesso da economia e da cultura florentinas. Além de construir alianças com outras cidades-estados, Lorenzo também

estabeleceu relações diplomáticas com outras potências europeias, como a França e a Inglaterra. Ele reconheceu a importância do comércio internacional para a economia florentina e trabalhou para garantir a livre circulação de bens e serviços entre os países, ele também mostrou habilidade diplomática na resolução de conflitos internos em Florença. Lorenzo era um líder astuto e persuasivo, capaz de convencer seus oponentes políticos a aceitar compromissos e soluções pacíficas. Sua habilidade em lidar com a oposição e manter a unidade dentro do governo florentino foi essencial para a estabilidade política e econômica de Florença durante seus anos de liderança, como Kent (2006), exemplifica Lorenzo dedicou sua abundante energia e inteligência crítica a perseguir uma diplomacia cuidadosa, empurrando reformas constitucionais que fortaleceram seu domínio sobre o regime e cultivando amigos e aliados, antigos e novos, com uma persuasão que seu pai Piero, segundo alguns contemporâneos, havia falhado cada vez mais em exercer.

As conquistas de Lorenzo de' Médici despertavam crescente atenção da nobreza florentina, que se sentia incomodada em ser liderada por alguém sem ascendência nobre. Ao contrário de seu avô Cosimo de' Médici, que agia nos bastidores e buscava minimizar a atenção sobre suas ações, Lorenzo se mostrava mais público em suas atividades políticas e administrativas. Ele caminhava pelas ruas de Florença como se fosse o governante absoluto, buscando projetar a imagem da família Médici como uma grande casa tanto para o povo comum quanto para os nobres. Essa abordagem direta de Lorenzo despertou a ira da família Pazzi, que se considerava a mais antiga e nobre de Florença.

Os Pazzi não aceitavam que Lorenzo, em poucos anos, havia mudado o curso da história de sua família. Seu pai, Piero de' Médici, era conhecido por historiadores como alguém passivo e fraco em comparação com seus familiares mais próximos, e não conseguiu expandir as conquistas da família Médici com o mesmo empenho de seu pai, Cosimo. Na verdade, acreditava-se que Piero não tenha sido a escolha original de Cosimo para sucedê-lo, mas sim seu outro filho, Giuliano. No entanto, Giuliano faleceu um ano antes da morte de Cosimo, deixando Piero como herdeiro, governo de Piero foi marcado por más negociações no banco Médici, que resultaram em perdas de receitas e calotes. O empréstimo feito ao Duque de Milão foi especialmente desastroso, quase levando o banco à insolvência.

Foi somente quando Lorenzo assumiu o controle e renegociou com o papa o pagamento das receitas papais que o banco obteve o fôlego necessário para se reestruturar, evitando uma crise ainda maior, esse movimento não foi um ato de boa-fé do Papa, na verdade trouxera grande desconfiança para com Lorenzo e o banco de Médici, e ao perder o apoio da Santa Sé, os Médici agora se vivem pela primeira vez em muito tempo sem o apoio incondicional da Igreja.

Segundo Martines (2003), o Papa Sisto IV tinha grandes ambições de aumentar o poder da Igreja Católica, e uma das suas estratégias foi tentar adquirir a cidade-estado de Imola e instalar seu sobrinho Girolamo Riario²⁶ como seu senhor. Imola, na época, estava sob o domínio de Milão, e os proprietários exigiram o pagamento de 40.000 florins para sua venda, Sisto IV procurou Tornabuoni, um banqueiro associado aos Médici, na filial do Banco Médici em Roma, para obter um empréstimo que cobrisse essa quantia, essa procura do Papa logo chegou aos ouvidos de Lorenzo, que ficou hesitante em conceder o empréstimo, e com razão além do fato de que Sisto IV já devia 10.000 florins em sua conta pessoal, a aquisição de Imola por parte do papa poderia prejudicar os interesses estratégicos de Florença. Imola era uma cidade importante para a rota comercial de Florença, que passava pelas montanhas até o Adriático, e sua transferência para o controle do papa poderia afetar negativamente o comércio florentino na região, apesar da pressão de Sisto IV, Lorenzo decidiu jogar com cautela e ganhar tempo. Ele não queria ofender o papa, mas também estava preocupado com os interesses de Florença. Essa hesitação de Lorenzo em conceder o empréstimo irritou Sisto IV, que, furioso, decidiu retirar a conta papal do Banco Médici.

Como resultado, Sisto IV buscou uma alternativa e encontrou apoio no Banco Pazzi, que era o principal rival dos Médici na época. Francesco de' Pazzi, o gerente do Banco Pazzi em Roma, prontamente concordou em fornecer o empréstimo solicitado pelo papa, com isso um grande golpe é dado nas finanças já defasadas do Banco de Médici, os Pazzi acreditavam que o a única coisa que os impediam de assumir o controle da cidade e remover os Médici do poder, era o capital que o Banco Médici possuía via as contas papais, em tese eles estavam corretos, o fluxo de capital que o banco gerava era massivo, porém Lorenzo consegue realizar uma manobra contábil muito inteligente, os estados papais tinha uma grande receita advinda da produção e comércio do alume que tinham uma importância estratégica para os Estados Papais, uma vez que essa atividade econômica contribuía para a geração de receitas que podiam ser usadas para financiar as ambições políticas e militares do Papa.

Lorenzo então separa as receitas do comércio do alume²⁷ das receitas advindas de outras fontes das contas papais, esse movimento afeta profundamente as receitas das contas papais, pressionando também as finanças do Banco Pazzi, que haviam emprestado uma grande soma

²⁶ Girolamo Riario foi um nobre italiano do século XV, conhecido por sua atuação como senhor de Forlì e Imola durante o período do Renascimento Italiano. Ele nasceu em 1443 e faleceu em 1488. Riario foi um importante mecenas das artes e se envolveu em várias intrigas políticas da época.

²⁷ O alume foi amplamente utilizado como um mordente ou fixador em processos de tingimento têxtil durante o século XV. Ele ajudava a fixar os corantes nas fibras têxteis, melhorando a solidez da cor e permitindo que as cores fossem mais vibrantes e duradouras nos tecidos.

ao Papa para a aquisição da cidade, e agora corriam o risco de ficar insolventes, isso lançou mais combustível na fogueira da conspiração, que agora contava também com a leniência do Papa Sisto IV.

Figura 7 - Conspiração dos Pazzi de Stefano Ussi



Fonte: <https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Stefano-Ussi/800822/A-conspira%C3%A7%C3%A3o-Pazzi.html>. Acesso em: 26 de abr. de 2023.

Em 26 de abril de 1478, os Pazzi, em conluio com o ambicioso bispo Francesco Salviati, o arcebispo de Pisa, planejaram um ousado complô para assassinar os irmãos Médici (Figura 7), os conspiradores, liderados por Francesco de' Pazzi e seu cúmplice Bernardo Baroncelli, se uniram para derrubar os Médici. O plano incluía o assassinato de Lorenzo de' Médici, durante a missa na Catedral de Florença, enquanto seu irmão Giuliano de' Médici também seria alvo de um ataque simultâneo, os conspiradores planejaram meticulosamente a trama, envolvendo vários conspiradores e diferentes estratégias para alcançar seu objetivo. Durante a missa, Francesco de' Pazzi atacou Giuliano de' Médici com uma adaga, enquanto Baroncelli atacou Lorenzo de' Médici. Giuliano foi morto instantaneamente, mas Lorenzo conseguiu escapar para dentro da sacristia da catedral, com ferimentos graves.

No entanto, a conspiração não foi totalmente bem-sucedida, com a notícia que Lorenzo havia sobrevivido ao ataque os conspiradores não conseguiram conquistar o apoio do povo de Florença e sua tentativa de golpe falhou, o povo enfurecido, atacou os conspiradores pelas ruas

de Florença, em uma verdadeira carnificina segundo Martines (2003), a resposta dos Médici e de seus aliados foi implacável, os conspiradores foram perseguidos e capturados, e muitos deles foram brutalmente executados em praça pública, incluindo o arcebispo Salviati, a Igreja Católica sofreu um duro golpe em sua reputação, visto que um arcebispo estava envolvido em uma conspiração para assassinar membros proeminentes de uma família influente.

Ao receber a notícia da conspiração fracassada, o Papa Sixto IV se encolerizou. O enforcamento público de um de seus arcebispos em trajes cerimoniais foi considerado uma profanação e um insulto direto à Igreja. O fato de o próprio papa ter estado envolvido na conspiração foi negligenciado pelas elites da Santa Sé, em um acesso de fúria, Sixto IV emitiu uma bula papal excomungando Lorenzo de' Médici e todos os cidadãos da República Florentina.

Sixto IV então enviou uma delegação papal a Florença, exigindo que os cidadãos entregassem Lorenzo, para ser julgado por várias acusações, incluindo sacrilégio, blasfêmia e assassinato do Arcebispo de Pisa. Lorenzo foi declarado culpado, excomungado e denunciado em termos duros como indigno de confiança e espiritualmente inadequado simultaneamente, o papa condenou o *Gonfaloniere* e a *Signoria* de Florença em termos semelhantes, ordenando a confiscação de todos os seus bens pela Igreja e a destruição de suas moradias em um documento menos divulgado, o papa também ordenou a apreensão de todos os bens dos Médici em Roma, incluindo o Banco Médici, e declarou nulas e sem efeito todas as dívidas com o banco, beneficiando-se financeiramente em 10.000 florins de uma só vez.

Os cidadãos de Florença receberam com ceticismo a notícia da bula papal de excomunhão, expressando claramente sua recusa em entregar Lorenzo de' Médici ao papa. Os bispos de Toscana também ficaram insatisfeitos ao descobrirem que os fieis haviam sido excomungados em massa e convocaram uma congregação na catedral de Florença, que teve a presença dos principais cidadãos da república. Nesse encontro, anunciaram de forma desafiadora que a *Signoria* havia agido de forma correta em sua defesa da república contra os conspiradores, e em seguida emitiram um decreto excomungando o papa. Esse decreto foi impresso na primeira prensa de impressão de Florença, estabelecida apenas um ano antes, e distribuído por toda a Toscana, resultando em um maior conhecimento público dessa excomunhão em comparação com a emitida pelo próprio papa.

Entretanto, notícias mais graves chegaram em seguida: em sua fúria, o Papa Sisto IV declarou guerra à Florença e conseguiu o apoio do Rei Ferrante de Nápoles como seu aliado a cidade Florença logo se viu praticamente sozinha nesta situação. A família Orsini da esposa de Lorenzo tentou mobilizar seu exército familiar, mas isso foi pouco mais do que um gesto

simbólico, enquanto Milão estava envolvida em sua própria luta interna pelo poder e enviou apenas uma força reduzida. Veneza estava interessada em proteger o norte da Itália, mas considerava Florença uma causa perdida. Como último recurso, Lorenzo conseguiu assegurar o apoio do Duque de Ferrara e seu pequeno exército de mercenários para liderar as forças florentinas, o Papa convocou as forças papais sob o novo comandante Montefeltro, Duque de Urbino, que era reconhecido como o supremo comandante militar de toda a Itália. Essas forças foram reunidas a um grande exército de Nápoles sob o Duque de Calábria, filho do Rei Ferrante, enquanto o Duque de Urbino permaneceu como reforço, o Duque de Calábria avançou para o território florentino. Em resposta, o Duque de Ferrara executou uma série de respostas táticas de acordo com as mensagens que ele enviou para Florença, ele estava movimentado ao inimigo; na prática, entretanto, isso se deu apenas a uma série de recuos. A *Signoria* de Florença, preocupada, enviou mensagens repreendendo seu comandante, exigindo saber pelo que ele estava sendo pago pois aparentava estar se recusando a lutar. Enquanto isso, o Duque de Calábria continuou seu avanço, eventualmente chegando à cidade de Colle, trinta milhas ao sul de Florença, onde encontrou uma resistência inesperadamente firme dos cidadãos locais, que se recusaram a entregar sua cidade. Finalmente, após um cerco de dois meses, Colle caiu diante do exército napolitano.

Figura 8 - Cerco a Florença



Fonte: Paul Strathern (2016)

Lorenzo percebeu que era eminente a invasão de Florença pelos exércitos da aliança papal (Figura 8), percebendo uma constante deterioração dos estoques de comida da cidade,

assim como constantes aumentos de impostos para financiar a guerra, ele toma a decisão de deixar a cidade e se render pessoalmente ao Rei Ferrante de Nápoles, porém suas habilidades diplomáticas e persuasivas fazem com que Lorenzo, consiga o afeto do Rei Ferrante, sendo criada uma aliança entre Nápoles e Florença para que houvesse a abertura de rotas comerciais entre as cidades, além de que Nápoles estava sobre o alerta de invasão pelo Exército Otomano e precisava do seu exército para a defesa, com isso Sisto IV, não tem mais condições de manter o cerco a Florença, acabando assim a guerra, esta façanha aumenta ainda mais o prestígio de Lorenzo e da Família Médici em Florença, governam a cidade sem resistência.

Martines (2003) narra que Lorenzo, após a conspiração, tomou uma série de medidas autoritárias para acentuar seu domínio sobre a cidade primeiramente, Lorenzo de' Médici foi implacável na repressão aos conspiradores Pazzi. Aqueles que foram identificados como participantes da trama foram capturados, julgados e muitos foram executados, o único que escapou a fúria de Lorenzo de' Médici, foi o seu cunhado Guglielmo Pazzi, que era casado com a sua irmã Bianca de' Médici, sendo ele exilado da cidade. A família Pazzi, em particular, foi despojada de suas propriedades e sua influência em Florença foi drasticamente reduzida. Essa repressão severa enviou uma mensagem clara de que qualquer tentativa de atacar os Médici seria tratada com rigor e impunidade, em segundo lugar, Lorenzo intensificou a vigilância sobre seus oponentes políticos. Ele estabeleceu uma rede de informantes e espões para monitorar as atividades de seus adversários e tomou medidas enérgicas contra qualquer sinal de dissidência ou oposição política. Aqueles que eram considerados ameaças ao poder dos Médici eram reprimidos, seja através de prisões, confisco de bens ou exílio. Essa abordagem tinha o objetivo de neutralizar qualquer potencial conspiração ou ameaça política contra os Médici.

Além disso, Lorenzo de' Médici buscou fortalecer o governo centralizado em Florença. Ele consolidou ainda mais sua posição como líder de facto da cidade e concentrou mais poder em suas mãos e de sua família. Ele minou as instituições republicanas, limitou o poder de outras famílias aristocráticas e garantiu que os principais cargos políticos e administrativos da cidade estivessem nas mãos dos Médici ou de seus aliados próximos. Essa concentração de poder permitiu que Lorenzo tomasse decisões de forma mais autocrática e controlasse efetivamente a governança da cidade. Essas medidas de Lorenzo de' Médici após a conspiração Pazzi foram controversas e geraram críticas de alguns setores da sociedade florentina. No entanto, para os Médici, essas ações foram eficazes em garantir sua segurança e consolidar seu poder em Florença, permitindo-lhes manter sua posição dominante na cidade por muitos anos, sendo as consequências destas medidas sentidas ao longo do governo dos Médici em Florença, e sua abordagem autoritária teve um impacto duradouro na política e na governança da cidade.

Assim como seu avô Cosimo de' Médici, Lorenzo também percebeu a importância da cultura e da arte como ferramentas de propaganda e promoção da imagem da família. Ele transformou a cidade de Florença em um centro de produção artística, patrocinando artistas, escritores e pensadores, com isso Florença se torna o centro do Renascimento durante o governo Médici, ao financiar as artes e principalmente os artistas, Lorenzo consegue favores em troca de obras dos seus artistas, conseguindo grande influência por toda a Europa através da elitização da cultura. Essa estratégia de mecenato cultural consolidou a imagem da família Médici como uma das mais sofisticadas e influentes da Europa, percebendo o poder que o renascimento italiano estava ganhando dentro dos círculos de influência da aristocracia e burguesia europeia.

No dia 8 de abril de 1492, Lorenzo de' Médici, mais conhecido como Lorenzo, o Magnífico, faleceu em Florença, na Itália, trazendo o fim da era de ouro dos Médici, e também o fim do 'governo das sombras' em alguns relatos históricos existe a menção de que houve uma grande comoção pública após a sua morte, com todo o povo de Florença acompanhando o cortejo fúnebre até a sua sepultura, mas outros historiadores afirmam que essa narrativa é, na verdade, uma lenda criada pelos próprios Médici para reforçar o poder da dinastia, a morte de Lorenzo foi marcada por uma notável ausência de demonstrações públicas de luto. Essa suposta falta de luto pode ser explicada pelo fato de que a cidade de Florença enfrentava uma grave crise política e econômica naquele momento. Em meio a esse contexto, a sucessão de Lorenzo por seu filho Piero de' Médici (1471-1503) conhecido como O desafortunado foi praticamente inevitável, uma vez que ninguém tinha poder suficiente para impedir a ascensão da dinastia Médici, Porém Piero era fraco como o seu avô de mesmo nome (talvez seja por isso que esse nome não foi mais dado a qualquer membro do ramo principal da família), apenas dois anos após a sua ascensão ao governo de Florença, foi expulso e exilado da cidade de Florença, marcando assim o fim do domínio Médici sobre a 'Republica Florentina', porém após um breve período os Médici retornaram e dominaram a cidade e a região se tornando Duques, em um processo que deverá ser estudado mais à frente.

Os Médici, durante um período de quase trezentos anos, do século XIV ao XVI, acumularam grandes lotes latifundiários – e a terra sempre foi a principal forma de riqueza antes da revolução industrial. Mesmo após a dissolução do banco Médici em 1490, que foi sua principal fonte de capital, as finanças dessa família não foram profundamente alteradas.

3 A CONVERSÃO DO CAPITAL PARA O PODER

Para iniciar a apresentação da síntese dos pontos com ênfase no quadro teórico que subsidia a pesquisa, são apresentadas as seguintes observações feitas por Metri (2007, p. 64) acerca da recuperação econômica da Europa a partir do século X:

Não parece haver divergências entre os historiadores de um modo geral quanto à recuperação econômica em si. Todavia, a controvérsia está na maneira é da qual se articulam os fenômenos visíveis de então, ou melhor, nas relações de causa e efeito entre as evidências históricas da recuperação econômica. Dentre essas evidências, destacam-se: o crescimento demográfico, a revolução agrícola, a revolução comercial, a expansão na produção artesanal, a expansão urbana e das cidades, bem como a própria remonetização da economia.

Na mesma linha argumenta Fernand Braudel, na seguinte análise:

Na verdade, todas essas explicações devem ser somadas umas às outras. Poderá haver crescimento se não progredir tudo mais ou menos ao mesmo tempo? Foi necessário que simultaneamente aumentasse o número de pessoas, se aperfeiçoassem as técnicas agrícolas, renascesse o comércio e a indústria tivesse o seu primeiro crescimento artesanal para que finalmente se criasse um espaço europeu uma rede urbana, uma superestrutura urbana, ligações de cidades com cidades envolvendo as atividades subjacentes, obrigando-as a tomar lugar numa ‘economia de mercado’. (Braudel, 1995, p. 82)

É essa transformação em ‘economia de mercado’, que possibilita o surgimento de novas classes sociais e novas frações de classe, e a possibilidade de ascensão econômica e política nas cidades-estados; é esse modelo – o “modelo italiano” a que se refere F. Braudel em livro homônimo – que facilita uma melhora na distribuição de riquezas.

As relações de troca se modificaram nesse período, chegando ao ponto de os historiadores econômicos desenvolverem diferentes teorias sobre a acumulação de capital, alguns como Werner Sombart era de que os primeiros capitalistas mercadores eram antigos proprietários de terra ou oficiais dominais. Outros, como Jakob Strieder, demonstraram que essa posição era insustentável em alguns casos, dentre eles o mais famoso o dos Fugger²⁸ que pelos lucros gigantescos do comércio, teve aí, nesta atividade mesma, a origem de seu capital. (Hodgett, op. cit.).

²⁸ Os Fugger foram uma família germânica de banqueiros e mercadores que, financiaram grandes navegações e campanhas militares, expandindo seu poder financeiro e políticas. Jakob Fugger ‘o Rico’ (1459-1525) é considerado a pessoa mais rica de seu tempo por alguns historiadores.

O desenvolvimento de técnicas contabilísticas avançadas e complexas, já mencionado, reforçou a hegemonia dos banqueiros italianos durante baixo medievo. Foi à base dos ganhos de produtividade advindos dessas novas tecnologias (algumas utilizadas até hoje, na verdade) que o capital foi mais bem utilizado para a geração de riqueza – na comparação, por exemplo, com os ganhos menores percebidos no Norte da Alemanha, em torno da Liga Hanseática²⁹, e na Escandinávia, que não conseguiam das mais escala aos seus empreendimentos comerciais, visto que não dispunham desse sofisticado arsenal contábil (Hodgett, op. cit.).

Nesse sentido, a história do banco Médici contribui para o nosso entendimento das raízes dos negócios modernos. As transformações no pré-capitalismo europeu, em curso na Itália, são "protagonizadas" pelos Médici, sujeitos históricos representativos das transformações da riqueza (e da propriedade da riqueza) na transição do medievo para a era moderna.

Roover (1964), realiza um trabalho preciso utilizando fontes primárias – fruto de dez anos de pesquisa na cidade de Florença: os documentos vão de correspondência pessoal até livros secretos de contabilidade, possibilitando que este autor (de referência para dados empíricos) fizesse um aprofundado perfil dessa família de poderosos e politicamente persuasivos banqueiros medievais-modernos:

Os registros sobreviventes incluem uma amostra (...) de acordos de parceria, vários balanços e documentos diversos, como letras de câmbio, protestos, certificados de depósito, relatórios e memorandos confidenciais e até mesmo um plano de reorganização que nunca foi realizado. Embora incompletos, esses registros contam uma história que pode ser alterada em detalhes, mas que, no geral, não precisará de revisão. (Roover, op. cit., p. 4 - tradução nossa)

Para este autor, para conduzir um estudo sobre a Casa Médici requer que se conheça a estrutura do banco.

Os Médici são bem conhecidos na história por causa do papel proeminente que desempenharam no Renascimento italiano como figuras políticas ou como patronos de letras e artes plásticas. No entanto, sua atividade como banqueiros e comerciantes não atraiu o mesmo grau de atenção. No entanto, foi o poder econômico que possibilitou aos Médici tomar o poder político e também forneceu os recursos financeiros que lhes permitiram encomendar artistas, promover o humanismo, coletar uma magnífica e única biblioteca (a Laurenziana, ainda existente), e gastar enormes quantias em edifícios

²⁹ Aliança de cidades mercantis de origem alemãs ou de influência alemã, possuíam o monopólio comercial sobre o norte da Europa e do Báltico no fim da Idade Média e começo da Idade Moderna.

monumentais, como a igreja de San Lorenzo, o convento dominicano de San Marco ou a Badia de Fiesole. Os Médici, de Giovanni di Bicci, não eram da classe média, como sustentaram alguns historiadores sociológicos, uma vez que os registros fiscais mostram que eles eram de longe a família mais rica de toda a cidade de Florença e ocupavam o degrau mais alto da escada social. (idem ant, p. 5 – tradução nossa)

Os Médici não nasceram nobres, mas sim cidadãos comuns, embora em uma situação melhor que grande parte da massa europeia da época. Ascenderam socialmente, na transição para um modelo capitalista ainda inteiramente dependente de esfera da circulação de capital. Ascensão bem-sucedida – não se deu porem ser inovadores nas artes bancárias e na conquista de mercados, mas na forma eficiente de utilização de técnicas já conhecidas, na capacidade de adaptação das gerações que contribuiu para o fortalecimento do poder da família – que, mesmo com a dissolução do banco, viu sua grande fortuna continuar a crescer, pois tinham acumulado grandes quantidades de terra.

Uma questão de classe e de propriedade da riqueza se delimita como problema histórico-econômico nesse modelo capitalista ainda tateante, ali na Península Itálica dos séculos XIV-XV, onde parece surgir pela primeira vez – superando definitivamente os limites ao comércio longínquo colocados pelo feudalismo, com sua dinâmica rural e localista. Esta ideia de “limites ao comércio longínquo” é de I. Wallerstein (1974) e integra a sua argumentação sobre o surgimento de um “sistema-mundo” europeu no início da era moderna – sendo este uma ampliação do conceito braudeliano de ‘economia-mundo’ (Martins, 2015).

O autor se pergunta por que nações-estados e não impérios se formavam na Europa ao final do feudalismo, entre os séc. XII e XIV? Wallerstein pondera que na Europa da Baixa Idade Média existia uma civilização cristã, mas não existia nenhum império-mundo nem uma economia-mundo (...). A maior parte da Europa feudal consistia em nódulos econômicos pequenos e autossuficientes com pequenos excedentes agrícolas apropriados por uma pequena classe nobre. Contudo, o autor afirma que coexistiam na Europa duas pequenas economias-mundo: uma baseada nas cidades-estados do norte da Itália e a outra nas cidades-estados da Flandres e do norte da Alemanha, tendo seu período de expansão (de 1150 a 1300) e de retração (de 1300 a 1450). (Martins, op.cit, p. 98).

Para este autor, tal ponto de retração a que haviam chegado essas economias regionais europeias era indicativo de uma reversão cíclica: tanto as soluções tecnológicas existentes para a agricultura (e complementarmente para o comércio) haviam chegado

aos seus limites, como se estava face a uma tendência secular: “após mil anos de apropriação feudal do excedente, atingira-se um ponto de rendimentos decrescentes” (Martins, op. cit.,p. 97).

A saída dessa crise requereu uma expansão geográfica desde a Europa, sob a guarda de um Estado reorganizado: uma saída política necessária à retomada do crescimento econômico – sendo esses dois dos componentes apontados por Wallerstein para o estabelecimento de uma economia-mundo (posteriormente um sistema-mundo) capitalista. Nesta, novos conflitos de classe se colocam:

Nesse processo de restauração, ou seja, de organização do Estado, advém a base para tributação que poderia financiar funcionários para cobrar impostos e tropas assalariadas, pois houve crescimento da população, renascimento do comércio, circulação monetária mais abundante e impostos são cobrados (...). A burocracia era o principal aliado do príncipe, emergindo como um grupo social distinto, com características e interesses especiais, mas que permanecia como um grupo social ambivalente: era um corpo composto majoritariamente por nobres que os reis tentavam usar contra a nobreza e está contra o rei. (Martins, op. cit.,p. 98)

Os Médici inseridos nesse cenário, tem um papel fundamental no entendimento do movimento das classes e os seus conflitos, o fluxo monetário oriundo das contas papais de propriedade do Bando de Médici, geram um desequilíbrio na balança comercial das cidades-estados Italianas, afinal grandes somas de ouro, prata e cobre, eram transportados em direção a península itálica, Hoover (1964) observa que é este fluxo de metais preciosos que altera o valor das moedas que circulavam pela península. Essas cidades não tinham interesse em adquirir produtos do norte europeu, pois eram de baixa qualidade e já produziam tudo o que necessitavam. Este desequilíbrio conduziu, na era mercantilista, a um aumento das viagens marítimas rumo a região do Levante.

Com o excesso de metais preciosos, os mercadores italianos conseguiam adquirir uma grande quantidade de produtos ao retornarem esses produtos inundavam o mercado europeu, gerando lucros astronômicos em um ciclo de econômico virtuoso para as cidades italianas, este é um dos pontos abordados por Fernand Braudel, o que fez com que a acumulação de capital na Itália atingisse estes níveis, foram os sistemas pioneiros desenvolvidos em um sistema financeiro que embora fosse reprimido pela lei da usura da Igreja Católica Apostólica Romana, conseguia se sobressair, por este desequilíbrio gerado pelo fluxo de capitais rumo a Itália.

Este processo possibilita a criação de manufaturas, ou guildas, como eram chamadas, estas guildas eram responsáveis pela organização das estruturas de trabalho, com a melhora do clima econômico, as oficinas passaram a recrutar cada vez mais aprendizes, o ensino desses ofícios embora não atingisse toda a população mais pobre, era capaz de gerar uma leva ascensão social e econômica para aqueles que conseguiam adquirir um ofício.

Aliás, que essa Itália esteja em plena ascensão ou em novo surto de vida, envias de tomar a dianteira necessária para a sua grandeza, sondagem dos historiadores o estabelece sem o menor equívoco. Para Renato Zangheri, entre 1400 e 1450, a Itália esteve até mesmo à beira da Revolução Industrial, ou pelo menos se encaminhou para ela. Uma revolução agrícola ocorreu, com efeito, particularmente na Lombardia, com o desenvolvimento de forragens artificiais, campinas irrigadas, novas culturas (arroz, amora) e com os progressos decisivos na criação de animais. Em Milão e outros lugares, especialmente em Florença, reagrupam-se enormes massas artesanais (enormes para a época, entenda-se) (Braudel, op. cit., p. 47).

A economia italiana, ao longo da história, sofreu grandes depressões assim como grandes avanços, porém é necessário ressaltar que o movimento de classes ocorre de maneira lenta quando o objetivo é a ascensão e rápida quando o objetivo é a derrocada, mesmo aqueles com ofícios e até um pouco de capital, sofrem duramente os efeitos destas crises do século XV, quando o preço da mão de obra cai a um preço relativamente baixo. Só a gritante diferença entre a fortuna dos ricos e a miséria dos pobres conseguem explicar as construções magnânimas do Renascimento. Enquanto as classes mais abastardas veem suas fortunas crescerem neste mesmo período.

Mais que a conjuntura de Florença (da qual não é independente, é claro), é a conjuntura pessoal dos Médici que importa. Pouco nos interessa que estes tenham menos homens a seu serviço e menos capitais à sua disposição que os Peruzzi no século precedente. Desta vez, o que conta não é outrora e hoje, mas ontem e hoje. E eis-nos, finalmente, mais otimistas que Roberto S. Lopez. Houve sem dúvida depressão, ao menos se os preços e as ordens de grandeza não mentem muito. Mas não sabemos ao certo como ela repercutiu na realidade florentina. (Braudel, op. cit., p. 67).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho vimos que, há uma ruptura econômica que proporciona uma geração de riqueza antes nunca vista fora daqueles que eram da nobreza, essa acumulação de capital por meio do comércio empurra a sociedade para o surgimento de novas relações sociais, essas mudanças são o epicentro do surgimento do renascimento da cultura humana, os Médici foram excepcionais em compreender o surgimento desses novos ventos de desenvolvimento, os Médici começam uma campanha rumo a conquistar o domínio de tudo e de todos ao seu redor, talvez tudo tenha sido planejado, ou talvez tenha sido obra do acaso ou de uma força ‘maior’ como eles mesmo definiram, mas o fato é que eles criaram e adicionaram novas engrenagens no jogo econômico e político da época e após anos dentro das estruturas de poder, se viraram para assumir o controle das instituições republicanas que sempre alegaram defender, deixando claro que à família sempre trabalhou em função da criação de uma dinastia de líderes.

Giovani di Bicci de’ Médici, dá “um pontapé inicial” no conceito de acumulação de capital, para que as ambições de cada próxima geração possam se concretizar, que são apresentadas neste trabalho, é ele quem percebe que a nobreza estava decaindo e que uma nova classe devia surgir para definir o futuro de uma sociedade em constante mudança, porém com cautela percebe que não deveria chamar a atenção da nobreza feudal em declínio pois não era o ‘momento certo’, ele cria os alicerces para que seu filho Cosimo de’ Médici, consiga andar lado a lado com as aristocracias e governantes da época, sendo ele o intermediário na mudança de baixa-burguesia para uma alta-burguesia. Novamente ele planeja os degraus, de modo que seu neto, Lorenzo de’ Médici, ascenda ao poder.

Giovani agia pelas sombras para manipular, por via do capital, as instituições e governos, especialmente a maior força de domínio das massas, a Igreja Católica. A relação constante entre os Médici e a Santa Sé é a origem do poder Médici, nos tempos onde o Papa era alinhado aos interesses da família, tudo ia bem e nada os desafiava, porém quando a boa-fé do Papado terminava para com os Médici, eles caíam em um turbilhão de acontecimentos prejudiciais às suas ambições. Cosimo iniciou uma transição para a aristocracia da época e Lorenzo, diferentemente dos seus antepassados, assumiu os frutos dessa longa “conspiração Médici”. O surgimento de uma aristocracia-burguesa que tinha origens comuns de fato, mas que ‘comprou’ seu lugar na ‘Elite’.

Um ponto muito importante sobre Lorenzo é a sua visão, durante o seu governo a casa Médici passou por grandes turbulências com a Santa Sé, Lorenzo percebe que não

mais podia confiar apenas nos subornos e favores dados aos membros do clero para que os objetivos da família estivessem em primeiro lugar, ele inicia um plano para alçar o seu segundo filho ao trono da Igreja, iniciando a tradição de sempre haver um Médici em posição de poder nos países papais, essa estratégia se torna extremamente valiosa para a ascensão dos seus descendentes a “nobreza”.

Para os Médici era de extrema importância que o ‘povo’ os apoiassem a todo momento, notório em relatos de vários autores que um mantra repetido pelos cômodos e corredores do Palacio Médici era, ‘Sem o apoio do povo não somos nada’, para manter a população sempre em favor dos Médici, uma série de medidas eram tomadas por aquele que estava no comando da família. A expansão monetária via empréstimos e investimentos em sociedades de manufaturas, em uma espécie de “keynesianismo medieval”, impulsionava a economia florentina, gerando bem-estar social.

Os Médici eram mestres na “propaganda”; sendo essa uma das suas principais armas de manipulação, eles criaram a imagem de uma riqueza sem limites, não só para as classes mais baixas, mas também para as classes dominantes. Mesmo em momentos em que estavam à beira de uma ‘falência’ o seu prestígio os deixava sempre em posição de negociar em vantagem, pois as aparências importavam mais do que tudo e que jamais deveriam se apresentar sem uma espécie de ostentação e sempre colhiam os bons ventos do crescimento econômico da época.

Pode-se afirmar que as políticas da Casa Médici foram fundamentais para o surgimento de classes sociais na cidade de Florença no século XV e para a ascensão social de muitos indivíduos, os investimentos na criação de estruturas de produção elevam o comércio e a força econômica de Florença ao seu ápice, a acumulação de conhecimento geram o surgimento de complexas estruturas chamadas guildas, que fornecem a capacitação (o aprendizado de um ofício) e uma mobilidade social dos trabalhadores, que puderam se beneficiar do desenvolvimento econômico e cultural da cidade.

Esse desenvolvimento levou a uma explosão de manufaturas de lã e seda, Florença se tornou o principal produtor de tecidos finos da Europa. Para Braudel a revolução industrial não aconteceu na Itália visto que esse território peninsular não possuía um mercado interno que possibilitasse a demanda necessária para as produções de escala industrial, e muito menos tinha a unidade de nação que se fazia necessária. O autor prossegue notando que “ainda seria preciso que a unidade peninsular se fizesse, e então, em benefício de Milão, que Filippo Maria Visconti (1392-1447), por exemplo, tivesse sido vitorioso no seu grande avanço em direção à Itália” (Braudel, op. cit., p. 48). Porém,

tendo em vista que o conhecimento de que o Banco de Médici era em grande parte da sua existência o responsável pelas contas papais, havia um fluxo gigantesco de capital que saía de todas as partes de Europa rumo à Itália. Este capital fazia uma pressão pela apreciação das moedas que circulavam nas cidades-estados da península, ou seja, as moedas italianas eram extremamente fortes perante às demais, o que fazia se descontrolarem os preços no mercado internacional, dificultando as exportações de produtos manufaturados para além das elites europeias. Ou seja, não era possível que os produtos italianos possuísem a vantagem financeira perante os produtos locais para os menos afortunados, o que causava frequentes quedas de produção e vendas, levando a crises econômicas nos mercados de lã e seda italianos.

Possivelmente esta hipótese cambial possa se adicionar à hipótese braudeliana dos porquês de a Itália renascentista não haver sido o palco da Revolução Industrial. Note-se que esse fluxo sempre se mantém constante mesmo após o fim do Banco Médici, as transferências rumo a Igreja Católica continuam por vários séculos a apreciar as moedas locais.

Seguindo nessa mesma linha de pensamento, podemos também perceber que o fator guerra é sempre uma variável a se levar em conta – e o século XV é marcado por pequenos e grandes conflitos esporádicos, que cortavam rotas de comércio, dissipavam as produções e alocavam preciosos recursos tecnológicos para a sua manutenção, aleijando a capacidade de desenvolvimento de forma exponencial das manufaturas da época.

Outra consideração importante é a de que a relação entre poder econômico e cultural foi fundamental para moldar a identidade italiana durante o Renascimento. A Casa Médici foi constituída por importantes mecenas das artes, tendo patrocinado artistas como; Michelangelo, Leonardo da Vinci e Botticelli. Esse apoio financeiro permitiu que esses artistas criassem obras-primas que se tornaram símbolos da cultura italiana.

Há muito mais a ser estudado sobre esta ilustre Casa, mas por questões de tempo e recursos, ficaram para um futuro (espero que próximo) de estudo e aprofundamento de ideias sendo elas: Uma análise comparativa entre a influência da Casa Médici e de outras famílias ricas e poderosas da época, como os Fugger na Alemanha ou os Rothschild na França. Essa pesquisa poderia explorar as semelhanças e diferenças entre essas famílias em termos de investimentos econômicos, patrocínio cultural e poder político, a visão do impacto da Casa Médici na arquitetura renascentista italiana. Essa pesquisa poderia

explorar como os edifícios patrocinados pela família, como a Capela dos Médici e o Palácio Pitti, influenciaram o desenvolvimento da arquitetura renascentista italiana.

REFERÊNCIAS

- BAIROCH, P., BATOU, J., & CHÈVRE, P. (1988). **La population des villes européennes de 800 à 1850**. Genève: Droz.
- BAUTIER, R. **A economia na Europa medieval**. Lisboa, PT: Verbo, 1973.
- BAUTIER, R. **Civilização material, economia e capitalismo, séculos XV-XVIII: os jogos das trocas**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- BARROS, J. A. **O projeto de pesquisa em história: da escolha do tema ao quadro teórico**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- BUCKHARDT, J. **A cultura do renascimento na Itália: um ensaio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BRAUDEL, F. **O modelo italiano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BRUCKER, G. **Florence: The Golden Age, 1138-1737**. Berkeley: University of California Press, 1962.
- BRUCKER, G. **The Médici: A Renaissance Family**. New York: W. W. Norton & Company, 2005.
- DE LONG, J. B., & SHLEIFER, A. **Princes and Merchants: European City Growth before the Industrial Revolution**. *Journal of Law and Economics*, 36, 671-702, 1993.
- FLETCHER, S (org.). **The Longman Companion to Renaissance Europe, 1390–1530**. Routledge, 1999.
- GOLDTHWAITE, R. A. **The Economy of Renaissance Florence**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2009.

HODGETT, G. A. J. **História social e econômica da Idade Média**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

KENT, D. **Cosimo de' Médici and the Florentine Renaissance: The patron's oeuvre**. New Haven: Yale University Press, 2006.

MADDISON, A. **The world economy: a millennial perspective**. OECD, 2001.

MARTINES, L. **April Blood: Florence and the Plot Against the Medici**. Oxford, UK: Oxford University Press, 2003.

MARTINS, J. R. **Immanuel Wallerstein e o sistema-mundo: uma teoria ainda atual?** Iberoamérica Social, Diciembre 2015, p. 95-108.

METRI, M. M. **Poder, moeda e riqueza na Europa medieval. Tese (Doutorado)**. Rio de Janeiro: UFRJ /Instituto de Economia, 2007.

MISKIMIN, Harry A. **The Economy of Early Renaissance Europe 1300-1460**. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.

MISKIMIN, Harry A. **The economy of later Renaissance Europe, 1460-1600**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

NAJEMY, J. M (ed.). **The Cambridge companion to Machiavelli**. Cambridge University Press, 2010.

NAJEMY, J. M. **A History of Florence 1200-1575**. Malden, MA: Blackwell, 2006.

ROOVER, R. **The rise and decline of de Médici Bank**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1964.

SILVA, A. L. C.; SANTOS, E. A. C. A. **A Lei da Usura na Idade Média: Uma Análise das Restrições à Prática de Empréstimos a Juros**. Revista de Administração da Unimep, v. 17, n. 1, p. 5-20, 2019.

STRATHERN, Paul. **The Médici: Power, Money, and Ambition in the Italian Renaissance.** New York: Pegasus Books, 2016

VAUGHAN, Herbert M. **The Médici Popes: Leo X and Clement VII.** London: Methuen & Co., 1908.

WALLERSTEIN, I. **O sistema mundial moderno.** Vol. I: a agricultura capitalista e as origens da economia-mundo europeia no século XVI. Porto: Afrontamentos, 1974a.

_____. **O sistema mundial moderno.** Vol. II: o mercantilismo e a consolidação da economia-mundo europeia, 1600-1750. Porto: Afrontamentos, 1974b.